

PENSAMENTO BRASILEIRO

Viagem de Estudo à Amazônia



Ensaio - 4

Organização Araken Hipolito da Costa

Ensaio
(4)

**CURSO DO PENSAMENTO
BRASILEIRO III**

**Viagem de Estudos
à
Amazônia**

Organização Araken Hipólito da Costa

Editora Revista Aeronáutica
Rio de Janeiro
2012

DEDICATÓRIA

Ao Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Juniti Saito, por autorizar a Viagem de Estudos à Amazônia

Ao Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista, Presidente do Clube de Aeronáutica, cujo prestígio e respeito no seio da Força, propiciaram esta Viagem de Estudos.

Ao Comandante do Comando Geral de Operações Aéreas, Ten Brig Gilberto Antônio Saboya Burnier, pelo planejamento e realização perfeita desta Viagem de Estudos e sua dedicação à Força Aérea.

Aos participantes do Curso do Pensamento Brasileiro II, pela amizade, o espírito de camaradagem e esmero nos trabalhos apresentados.



Ilustração e Capa

Araken Hipólito da Costa

Coordenação Editorial

Araken Hipólito da Costa

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Digitação

Paula de Araujo Almeida

Impressão

Gráfica Color Set

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

P418

Pensamento Brasileiro: uma revoada de idéias. Organizado por Araken Hipólito da Costa. Rio de Janeiro: Editora Revista Aeronáutica, 2011. (série ensaios; 3). 198p.

1 Filosofia Política – Ensaios. I. Título. II. Série.

CDU 130.2(81)

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
-------------------	---

Relato

Viagem à Amazônia.....	11
SINOP (MT).....	15
Porto Velho(RO)	17
São Gabriel da Cachoeira(AM).....	22
Iauaretê(AM)	25
COMARA.....	29
CINDACTA IV Manaus(AM).....	31
Base Aérea de Manaus.....	35
Campo de Prova Brig Veloso.....	38

Trabalhos

Discurso de Conclusão de Curso.....	43
Nação Brasileira.....	53
Pensamento Brasileiro.....	57
Encontro com a Amazônia.....	65
O Conceito de Nação.....	69
Comentários sobre o Pensamento Brasileiro.....	73
O que é ser brasileiro.....	79
Metamorfose.....	83
O Brasil não conhece o Brasil.....	87
Viagem à Amazônia.....	93
Ser Brasileiro.....	97
Grupo de Estudos	101

O que é ser Brasileiro?.....	107
Viagem à Amazônia.....	111
Relato de Missão de busca	115
Viagem de Estudo.....	121
Uma visão do ser brasileiro.....	127
Meu Pensar Brasileiro.....	133
Curso do Pensamento Brasileiro.....	135
O que é ser Brasileiro?.....	143
População Brasileira.....	145
Ser Brasileiro.....	149
Pensamento Brasileiro.....	153
Um Brasil desconhecido.....	157
Musicologia do Brasil.....	161

APRESENTAÇÃO

Este ensaio nº4 aborda o trabalho produzido pelos participantes do segundo Curso do Pensamento Brasileiro realizado em 2011.

Após um ano letivo dedicado aos estudos, desenvolvidos em trinta e três palestras orientadas preponderantemente para temas filosóficos, históricos e artísticos, a fim de criar reflexões para compreender duas questões essenciais do Pensamento Brasileiro: O que é o Ser brasileiro e o que é a Nação brasileira.

Além das palestras e debates, programamos uma viagem de estudo à Amazônia para aprofundar o conhecimento de nossa vida nacional. Contamos neste ensaio com um relatório sobre esta viagem, elaborado pelo Paulo Raimundo Pereira Santos – Jornalista e membro do Grupo de Estudos.

O conteúdo do Curso Pensamento Brasileiro somado à experiência e ao saber acumulado dos participantes, traduz nos trabalhos apresentados neste curso, a primeira tentativa de aprofundar sobre a nossa brasilidade.

Araken Hipolito da Costa

Cel Aviador -Diretor do Departamento Cultural

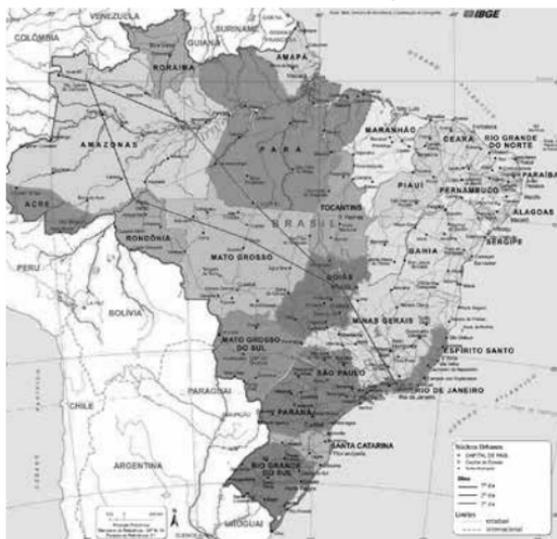
Rio, abril de 2012

VIAGEM À AMAZÔNIA

Do Curso do Pensamento Brasileiro II

Paulo Raimundo Pereira Santos
Membro do Grupo de Estudos
Jornalista

Quando o piloto do C-99 FAB 2525 do Primeiro do Segundo Grupo de Aviação de Transporte (1º/2º GAV - Esquadrão Condor), posicionado na cabeceira zero dois do Aeroporto Santos Dumont, anunciou



Rota da Viagem à Amazônia realizada pelos membros do Grupo de Estudos e do Curso do Pensamento Brasileiro II do Clube de Aeronáutica

“Atenção tripulação! Preparar para a decolagem!”, os trinta e dois componentes do Grupo de Estudos e do Curso do Pensamento Brasileiro II e convidados não imaginavam que na manhã de 3 de novembro de 2011 se iniciava uma inesquecível viagem de observação e estudos à Amazônia,

descobrimos onde está o futuro do Brasil, como todos testemunhariam nos três dias seguintes.

Atendendo à solicitação do Ten Brig Ar Carlos de Almeida BAPTISTA (Caçador nº 255), presidente do Clube de Aeronáutica, que liderou e conduziu a comitiva, o Comandante da Aeronáutica Ten Brig Ar Juniti SAITO



O Ten Brig Ar Baptista, entrega placa de agradecimento ao Ten Brig Ar Burnier, Cmte do COMGAR, na presença do Cel Av Araken, Diretor Cultural do CAER

(Caçador nº 421) autorizou a viagem à Amazônia Ocidental, visitando organizações do Comando da Aeronáutica – (COMAER - <http://www.fab.mil.br>) e do Exército Brasileiro (EB - <http://www.exercito.gov.br>).

A viagem foi o coroamento de um processo que se desenvolve há seis anos, idealizado pelo Cel Av ARAKEN (Caçador nº 462) Hipólito da Costa, diretor do Departamento Cultural do CAER, com a criação do Grupo de Estudos e dos Cursos de Humanidade, Filosofia e do Pensamento Brasileiro, frequentados semanalmente por civis e militares no Clube de Aeronáutica, inicialmente, na presidência do Ten Brig Ivan Moacir FROTA (Caçador nº 237), consolidado e ampliado com o irrestrito apoio na presidência do Ten Brig Baptista.

No III COMAR, o grupo embarcou no Força Aérea 2525 (Tripulação: Cap Av Peixoto; Cap Av Delamonica; Cap Av Ventura; SO Laercio, 1º Sgt João Carlos, 1º Sgt Lopes e Taifeiro Williams), decolando para a primeira

etapa da viagem. No espaço aéreo da área Terminal de Brasília, o C-99 que conduzia a comitiva do CAER foi interceptado por uma aeronave Mirage F-103 BR do Primeiro Grupo de Defesa Aérea (1º GDA – Esquadrão Jaguar), sediado em Anápolis, GO, acionado pelo COPM (Centro de Operações Militares). O acionamento para interceptação está previsto na rotina do serviço de alerta e serviu de treinamento para os pilotos e também para os controladores de Defesa Aérea. As aeronaves de caça de interceptação da Força Aérea Brasileira (FAB) estão sempre em alerta e guarnecidas por equipagens de combate - pilotos e mecânicos, prontas para serem acionadas nos 365 dias do ano.

O planejamento da viagem foi realizado pelo Ten Brig Ar Gilberto Antonio Saboya BURNIER (Caçador 543), Comandante do Comando Geral de Operações Aéreas – COMGAR, onde os participantes da comitiva do CAER assistiram ao Briefing Diário de Situação, sendo informados como seria cada etapa da missão, executada em três dias, cumpridas em 14 horas de voo, com a previsão do tempo nas localidades de Sinop-MT, Porto Velho – RO, São Gabriel da Cachoeira-AM, Iauaretê-AM, Manaus-AM e Cachimbo-PA, percorrendo 8.078,2 km. Em seguida, o Maj Av Pestana mostrou o funcionamento das Operações Aéreas da FAB. Após o briefing, o Ten Brig Baptista destacou a brilhante trajetória do Ten Brig Burnier como oficial aviador e piloto de caça – com mais de 4 mil horas de voo, sendo 3.350 horas somente em aeronaves de caça –, ao longo de mais de 40 anos de carreira na Força Aérea. O presidente

do Clube de Aeronáutica entregou ao Comandante do COMGAR uma placa de agradecimento pela recepção e pelo planejamento da missão à Amazônia Ocidental.

A partir de Brasília, o Ten Brig Burnier integrou-se à comitiva, acompanhado do Ten Brig Ar Ref Sergio Bambini, convidado juntamente com o Cel Av R1 Paulo e o Cel Av R1 Rodolfo, além da equipe de apoio do COMGAR constituída pelo Cap Av David Cabral, Sgtº Jorge e o soldado Felipe. A comitiva dirigiu-se para o almoço oferecido pelo Maj Brig Ar Jorge KERSUL, comandante do Sexto Comando Aéreo Regional (COMAR VI).



Membros do Grupo de Estudos e do Curso do Pensamento Brasileiro II, em Brasília, Ten Brig Ar Burnier (ao centro), ladeado pelos Ten Brig Ar Baptista e Ten Brig Ar Bambini

SINOP (MT): RADARES ENTRE CAMPOS DE SOJA E PECUÁRIA

O grupo voou de Brasília para Sinop, no norte do Mato Grosso, onde conheceu o trabalho realizado pelo Destacamento do Controle do Espaço Aéreo (DTCEA-SI), da Aeronáutica. Recebidos pelo 1º Ten Frederico, comandante do Destacamento, acompanhado de sua equipe de sargentos, cabos e soldados, os visitantes conheceram o funcionamento de uma rede móvel, radares e demais equipamentos que integram aquela Unidade da FAB. Em conversa durante o lanche e



Ten Brig Burnier (Cmte do COMGAR) fala para a comitiva do CAER, ao lado do Ten Frederico e dos militares do DTCEA-SI, em Mato Grosso



café oferecido ao grupo, os militares servindo em Sinop declararam-se satisfeitos e integrados, juntamente com as suas famílias à vida em Sinop, cidade com mais de 110 mil habitantes, onde, inicialmente, a economia dependia da indústria madeireira e hoje predominam os campos de cultivo de soja e a pecuária. A origem da cidade deve-se à empresa "Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná - Sinop", que atendeu ao chamamento do governo nos anos 1970 de "integrar para não entregar" a Amazônia legal, sendo a responsável pela abertura de novas fronteiras e cidades. O Ten Brig Baptista entregou ao Ten Frederico uma placa de agradecimento, marcando a passagem do Grupo de Estudos do CAER no DTCEA-SI.



Radares e demais equipamentos de vigilância, controle e defesa do espaço aéreo, no DECETEA-SI

PORTO VELHO (RO): BERÇO DOS GRIFOS E DOS SABRES



Na etapa seguinte, na aproximação de Porto Velho (Rondônia), uma aeronave AT-29 do Esquadrão Grifo, da Base Aérea de Porto Velho (BAPV), interceptou o C-99. No desembarque, a comitiva foi recepcionada pelo Ten Cel Av Luiz Claudio MACEDO, chefe do GSB - Grupo de Serviço de Base (subcomandante), que deu as boas vindas, em nome do Cel Av Roberto Cezar FLEURY Curado Salvado, que se encontrava em viagem. O Ten Cel Macedo apresentou as atividades da BAPV e os comandantes das subunidades abrigadas naquela Base Aérea: Ten Cel Av Ricardo de LIMA E SOUZA, comandante do Segundo Esquadrão do Terceiro Grupo de Aviação (2º/3º GAV - Esquadrão Grifo); Ten Cel Av CESAR Farias Guimarães, comandante do Segundo Esquadrão do Oitavo Grupo de Aviação (2º/8º GAV - Esquadrão Poti) e o Maj Av Ricardo da Silva MIRANDA, comandante do Destacamento de Controle Aéreo (DTCEA - PV), que apresentaram as suas unidades.

O Ten Cel Av LIMA E SOUZA apresentou o Esquadrão



Tasar (Cmte do 2º/8º GAV – Esquadrão Poti), ao lado e Tcel AV Miranda (Cmte do DTCEA – PV)



Tcel AV Macedo (GSB – BAPV), acima; Tcel AV Lima e Souza (Cmte do 2º/3º GAV – Esquadrão Grifo)



Grifo que integra a Aviação de Caça, subordinado à Terceira Força Aérea (III FAe) e opera aeronaves Embraer A-29A e A-29B Super Tucano. O 2º/3º GAV tem como uma de suas mais importantes missões: a vigilância e o patrulhamento aéreo da região Amazônica e da fronteira Oeste do Brasil, participando da manutenção da soberania brasileira na região, como um dos braços armados do COMDABRA - Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro. Realiza missões de interceptação e ataque, reconhecimento armado, reconhecimento visual, ligação, observação, C-SAR (busca e salvamento), controle aéreo aproximado, operações aéreas especiais e com outros órgãos do Governo Brasileiro, como a Polícia Federal, atuando no combate a voos ilícitos, principalmente de aeronaves de traficantes e contrabandistas (Assista vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=nZ0NeORAg9Y>).

O Ten Cel Av CESAR apresentou o Esquadrão Poti, que no final de 2009 foi transferido da Base Aérea de Recife para a Base Aérea de Porto Velho, passando



Aeronave AH-2 Saba), do 2º/8º GAV, na Base Aérea de Porto Velho

então a operar os helicópteros russos de ataque Mi-35M, denominados AH-2 Sabre, na FAB. Com o novo vetor de asas rotativas, o Esquadrão Poti passou a realizar missões de ataque ao solo, apoio aéreo aproximado e escolta armada. A importância do emprego do AH-2 para a FAB não se limita a um determinado cenário. No contexto do teatro de operações da Amazônia Ocidental, o seu emprego tem papel relevante, pois o Sabre opera noturno de um ponto remoto da Amazônia e, por meio de vetoração da aeronave E-99 (AEW&C Alerta Aéreo Antecipado e Controle), intercepta e identifica aeronaves de baixa performance em voos ilícitos à baixa altura. Em 2011 foi realizado o primeiro curso do Sabre na BAPV, ministrados por pilotos e especialistas em manutenção do Esquadrão Poti, treinados na Rússia. Ainda, no mesmo ano, a quarta e última turma de pilotos da FAB realizou naquele país o curso teórico e prático do AH-2 Sabre. O primeiro deslocamento do 2º/8º GAV ocorreu em abril deste ano, entre Porto Velho e o Rio de Janeiro, apresentando-se na Feira Internacional de Aviação, Tecnologia e Defesa (LAAD).

O Maj Av Ricardo da Silva MIRANDA falou da importância das atividades do DTCEA – PV, historiando sobre o crescimento da atividade aérea na Amazônia, desde os anos 1950, com a implantação dos Núcleos de Proteção ao Voo (NPV) para apoiar os aeronavegantes. A data de 3/11/1955 foi o início da operação da primeira Estação-Rádio, situada às margens do Rio Madeira, onde amerissavam os CATALINAS da FAB e da PANAIR DO BRASIL. Com a ativação do Centro de Controle de Área (ACC) Porto Velho em 1982, houve o redimensionamento dos limites da Região de Informação de Voo (FIR), de Porto Velho, que passou a responsabilizar-se por uma área de aproximadamente 1.200.000 quilômetros, a qual inclui o Acre, Rondônia, a terça parte do estado do Amazonas e parte do Mato Grosso. Além da função do Controle de Tráfego Aéreo, no DTCEA - PV destaca-se o Serviço de Meteorologia Aeronáutica, o Serviço de Informações Aeronáuticas e o Serviço de Busca e Salvamento, operando também equipamentos na faixa de UHF, dedicados às operações militares, possibilitando comunicações seguras de voz e dados entre os pilotos da Força Aérea que sobrevoam Rondônia. Em apoio aos serviços meteorológicos, o Destacamento possui uma estação meteorológica de altitude (EMA), um radar meteorológico e uma estação receptora de sinais do satélite geostacionário de observação da Terra (satélite GOES).

Os visitantes se empolgaram com o voo virtual realizado no simulador do AT-29 Super Tucano. Alguns, entretanto, sentiram a emoção de um voo real, noturno,

embarcando no helicóptero AH-2 Sabre. O primeiro dia de viagem terminou em clima de descontração, durante o coquetel no Clube dos Pilotos, em que a nova geração de oficiais da FAB, servindo em Rondônia, trocou impressões sobre a vida operacional em seus esquadrões, conversou sobre a ambientação na cidade de Porto Velho, e, principalmente, ouviu histórias dos veteranos aviadores da comitiva do Clube de Aeronáutica.



A tenentada dos Esquadrões Grifo e Sabre e participantes da comitiva do CAER

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM): BASE DE DESDOBRAMENTO

Na etapa seguinte, dia 04/11, o C-99 voou para o Destacamento da Aeronáutica em São Gabriel da Cachoeira (DASG) - antiga Uaupés - no Estado do Amazonas, município que possui uma área equivalente a de Portugal, sendo uma das regiões mais ricas em minérios, no norte amazonense, onde se localiza parte do Parque Nacional do Pico da Neblina, o ponto mais alto do Brasil com seus 3.014 m de altitude. São Gabriel foi o primeiro município brasileiro a escolher prefeito e vice-prefeito indígenas, tendo 85% dos cerca de seus 35 mil habitantes de origem indígena com mais de 22 etnias, sendo o único município do país que tem quatro idiomas oficialmente reconhecidos: as línguas baniwa, tukano e





Voando para o hemisfério norte, em Iauaretê, AM, a bordo do C-105 Amazonas da FAB

nheengatu (“boa conversa”) como idiomas oficiais, além do português.

O Maj Brig Ar Nilson CARMINATI, comandante do Sétimo Comando Aéreo Regional (COMAR VII), acompanhado da 1º Ten Fátima Cristino, Comandante do DASG, recebeu com honras militares o Ten Brig Burnier (Comandante do COMGAR) e o Ten Brig Baptista, presidente do Clube de Aeronáutica e ex-Comandante da Aeronáutica. Presentes, o Brig Ar CANDEZ, comandante do CINDACTA IV, em Manaus, o Gen Bda JABORANDY Jr., comandante da 2ª Brigada de Infantaria de Selva do Exército Brasileiro (EB), sediada em São Gabriel da Cachoeira, acompanhado do Cel Inf Rezende. No lanche de boas vindas, servido no hangar do DASG, o Maj Brig Carminati falou para o Grupo de Estudos do CAER sobre a importância da missão da FAB na Região Amazônica, onde se estabelece o COMAR VII, que abrange os Estados do Amazonas, Rondônia, Acre e Roraima, representando cerca de 25% do Território Nacional, em uma área sob sua jurisdição com cerca 2.200.000 quilômetros

quadrados, equivalente a nove países da Europa juntos: Holanda, Bélgica, Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça, Alemanha e Reino Unido. O Destacamento da Aeronáutica em São Gabriel é utilizado como base aérea operacional e de desdobramento, tendo por objetivo apoiar as unidades aéreas deslocadas para o município, além de fornecer apoio logístico, administrativo e de segurança. O Destacamento trabalha, normalmente, com o Plano de Apoio à Amazônia (PAA), em conjunto com o Exército Brasileiro, na logística de suprimento aos pelotões especiais de fronteira, como Iauaretê, Querari, São Joaquim, Cucuí, Maturacá, Pari-cachoeira e Tunuí. Além dessas atividades, o DASG, por meio do COMAR VII, leva saúde à população ribeirinha, promovendo campanhas de vacinação e realizando atendimentos médicos.



Gen Bda Jaborandy Jr., Cmte da 2ª Brigada de Infantaria de Selva ao lado do Ten Brig Baptista



*Ten Fátima Cristina
diretor Artístico da
Orquestra Sinfônica OSB
e membro do Grupo de
Estudos*

IAUARETÊ (AM): VISITA AO 1º PELOTÃO ESPECIAL DE FRONTEIRA

De São Gabriel da Cachoeira, o Grupo de Estudos e os participantes do Curso do Pensamento Brasileiro II, embarcaram na aeronave C-105A Amazonas (FAB 2801) do Primeiro Esquadrão do Nono Grupo de Aviação (1º/9º GAV) Esquadrão Arara, sediado na Base Aérea de Manaus, cruzando a Linha do Equador e após 40 minutos de voo desembarcaram no aeródromo de Iauaretê, localizado na latitude 0.616º, já no Hemisfério Norte. Iauaretê fica dentro da Terra Indígena Alto Rio Negro, no extremo noroeste da Amazônia, no Município de São Gabriel da Cachoeira, onde o rio Uaupés entra em território brasileiro. Apesar do multilinguismo e das diferenças culturais, as diversas etnias presentes nessa região convivem e compartilham o mesmo território há milênios.

Do aeródromo de Iauaretê, o grupo deslocou-se para





O acadêmico Carlos Nejar entre os visitantes da obra da COMARA

o 1º Pelotão Especial de Fronteira do Exército Brasileiro (1º PEF/EB). O 1º Ten Inf Paiva, comandante do Pelotão, apresentou a tropa ao Ten Brig Burnier acompanhado no palanque do Ten Brig Baptista e convidados. Na leitura da Ordem do dia, o 1º Ten Paiva agradeceu a visita da comitiva do Clube de Aeronáutica e enalteceu seus "camaradas e companheiros das remotas fronteiras, que se pautam pelo lema 'Vida, Combate e Trabalho', defendendo a Soberania, cumprindo a Missão do Estado Brasileiro pelo Exército com o apoio da Força Aérea, sem cujas presenças teríamos comunidades abandonadas à sorte". Disse, que "a melhor maneira de conhecer o trabalho do Pelotão é interagir com os militares, familiares e visitar as instalações". E, ainda, pediu que "no regresso aos seus lares, os visitantes dessem o retorno da magnitude da imensa tarefa aqui cumprida com vibração, dedicação e amor à Pátria".

O Ten Brig Baptista declarou-se emocionado e expressou a sua admiração pelo trabalho abnegado dos militares do Exército, ao lado de seus familiares, especialmente, das esposas que alfabetizam os índios da etnia Tucano, incorporados como soldados. Entregou



Ten Paiva, Cmte do 1º Pelotão, lê a mensagem de agradecimento do CAER

o Sargento Lacerda, comandante do 1º Grupamento de Combate, leu a Oração do Guerreiro da Selva:

“Senhor!

Tu que ordenaste ao Guerreiro de Selva

Sobrepujai todos os vossos oponentes

Dai-nos hoje da floresta:

A sobriedade para resistir;

A paciência para emboscar;

A perseverança para sobreviver;

A astúcia para dissimular;

A fé para resistir e vencer.

E dai-nos, também, Senhor,

A esperança e a certeza do retorno.

Mas se defendendo esta brasileira

Amazônia

Tivermos que perecer, ó Deus!

Que façamos com dignidade

E mereçamos a vitória!

Selva!”

Cantar o Hino Nacional Brasileiro em plena selva amazônica foi uma experiência marcante e inesquecível

para os componentes do grupo. Alguns, emocionados, chegaram às lágrimas e retribuíram aos militares e a seus familiares, homenageando-os e saudando-os com um forte e sonoro grito do Exército na Amazônia: Selva!

A importância da presença das Forças Armadas na Amazônia, observada pelo Grupo de Estudos, pode ser resumida nas palavras do ex-comandante do Comando



Militares do 1º Pelotão Especial de Fronteira e seus familiares.

Militar da Amazônia, Gen Ex Rodrigo Octávio Jordão Ramos (1910 - 1980), em placa afixada numa alameda do 1º PEF: "Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia.

Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados de conquistá-la e mantê-la".

COMARA: A GRANDE CONSTRUTORA DE OBRAS CIVIS DA AERONÁUTICA

A comitiva do CAER deixou o 1º Pelotão de Fronteira e seguiu em caminhonetes para o escritório da Comissão de Aeroportos da Amazônia – COMARA, a grande construtora da Aeronáutica, onde conheceram os detalhes da obra de ampliação para 2.000m da pista do aeródromo de Iauaretê.



*Cel AV
Medeiros Vice-
Presidente
da COMARA*

O Cel Av Maurício Augusto Silveira de MEDEIROS, Vice-Presidente da COMARA, narrou a história de sua organização militar, que vencendo o desafio amazônico - desde a sua criação em 12 de dezembro de 1956, quando existiam apenas 17 aeródromos na Amazônia, dos quais, somente Manaus(AM) e Belém(PA) eram asfaltados – consolidou a infraestrutura de pistas de pousos, garantindo

a presença da aviação naquela região, fator decisivo de integração nacional. Disse que “a COMARA constrói preservando o meio ambiente, reflorestando os locais de canteiros de obra, integrando-se com as comunidades em que atua – locais isolados –, vencendo grandes distâncias e várias doenças tropicais”. Nesses 55 anos de atividade, a Comissão foi responsável pela construção e recuperação de 203 obras de reformas de instalações aeroportuárias e vias públicas, oferecendo apoio a diversos órgãos federais, como quartéis de fronteiras do Exército, Marinha, FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia).

Na Região de Iauaretê, as chuvas intensas prejudicam os trabalhos da COMARA. Os rios Negro e Uaupés servem de meio de transporte para as balsas, algumas de 80 t e um empurrador de 300 t. Entre dezembro e março esses rios baixam o nível de água, prejudicando o transporte (o ciclo do transporte é de 40 dias), além de duas cachoeiras, o que obriga o transbordo da carga de 200 mil sacos de cimento, levados de Manaus até Iauaretê para a ampliação da pista. O Grupo de Estudos testemunhou o trabalho silencioso e difícil das Forças Armadas na Amazônia.

CINDACTA IV MANAUS (AM): CONTROLE DO ESPAÇO AÉREO NA AMAZÔNIA

De Iauaretê o Grupo de Estudos retornou para São Gabriel da Cachoeira, embarcando novamente no C-99, que na aproximação para Manaus foi interceptado por uma aeronave F-5 do Primeiro Esquadrão do Quarto Grupo de Aviação (1º/4º GAV – Esquadrão Pacau), da Base Aérea de Manaus (BAMN). Dirigindo-se para o auditório do CINDACTA IV (Quarto



Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo), o Grupo de Estudos foi recepcionado pelo Brig Ar José Alves CANDEZ Neto, comandante do



CINDACTA na Amazônia, acompanhado do Cel Int Caetano, Cel Av Bittencourt, Cel Av Rafael e Ten Cel Eng Paim, além dos demais militares daquela organização.

O Brig Candez falou para uma plateia atenta e interessada em conhecer a grandiosidade do trabalho executado pelos militares da Aeronáutica naquela região, onde mais de trezentos mil movimentos aéreos recebem, anualmente, o apoio do CINDACTA IV, que é subordinado ao Departamento do Controle do Espaço Aéreo (DECEA - www.decea.gov.br), que tem a tarefa de proporcionar um voo seguro e eficiente a aeronaves nacionais e estrangeiras em todo o espaço aéreo brasileiro, e que envolve diferentes órgãos interligados, como CINDACTA IV, cuidando para que a vigilância e o controle do espaço aéreo sob jurisdição brasileira sejam realizados ininterruptamente, 24 horas por dia, 365 dias ao ano. O CINDACTA IV é responsável pela cobertura do espaço aéreo de cerca de 60% do território nacional, atuando em uma área de 5,2 milhões de quilômetros quadrados, abrangendo os estados do Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Amapá, Acre, Mato Grosso, Tocantins e parte do Maranhão. Diante da exposição, os visitantes ficaram impressionados ao tomarem conhecimento da importância do CINDACTA

na Amazônia e questionaram sobre a possibilidade do complexo sistema do controle do tráfego aéreo brasileiro – gerenciado com competência pela Força Aérea –, sair da jurisdição do Comando da Aeronáutica e passar para o controle civil, como foram as muito discutidas transferências do extinto Departamento de Aviação Civil (DAC), transformado em Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) e da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO). O Ten Brig Baptista interferiu para esclarecer alguns detalhes dessas transferências, ocorridas em sua gestão como Comandante da Aeronáutica. Ao final, o Ten Cel Ref. Cirurgião Dentista Jesse Ribeiro da Silva, membro do



Grupo de Estudos do CAER, entregou uma placa de agradecimento e lembrança da passagem do Grupo naquela unidade da FAB.

A comitiva do CAER percorreu as dependências do CINDACTA IV, encerrando a visita, seguindo para a recepção na residência oficial do comandante do COMAR VII, Maj Brig Carminati e sua esposa Sr.^a Nazaré, que ofereceram um coquetel animado com danças folclóricas amazonense, representando os Bois de Parintins, Caprichoso e Garantido. Seguiu-se o jantar de conagração, com a presença do Gen Exército Villas Boas, comandante do Comando Militar da



Amazônia e esposa, Sr^a Maria Aparecida. O Maj Brig Carminati (caçador nº 705) repetindo uma tradição nas passagens de comando, na aviação de caça, entregou a Bolacha (insígnia) de Comandante do Sétimo COMAR ao caçador Ten Brig Baptista, que agradeceu a hospitalidade e a recepção.



Na manhã do último dia de viagem, a comitiva assistiu à demonstração aérea com aeronaves e militares, sendo recebida pelo comandante da Base Aérea de Manaus, Cel Av José Roberto DE OLIVEIRA, acompanhado pelos comandantes das subunidades abrigadas naquela Base: Ten Cel Av Márcio Antônio ABREU Jorge Teixeira, comandante do Sétimo Esquadrão de Transporte Aéreo (7º ETA - Esquadrão Cobra); Ten Cel Av Fernando MAURO Medarne, comandante do Primeiro Esquadrão do Quarto Grupo de Aviação (1º/4º



Cel Inf Leite salta com o Pavilhão Nacional, na demonstração do BINFAE para a comitiva do Clube de Aeronáutica na Base Aérea de Manaus

GAV - Esquadrão Pacau); Ten Cel Av Marcelo Fornasiari RIVERO, comandante do Sétimo Esquadrão do Oitavo Grupo de Aviação (7º/8º GAV - Esquadrão Harpia), Ten Cel AV José STUMBO Neto, comandante do Primeiro Esquadrão do Nono Grupo de Aviação (1º/9º GAV - Esquadrão Arara) e o Ten Cel Inf Jorge André CARNEIRO DA

CUNHA, comandante do Batalhão de Infantaria Especial (BINFAE) em Manaus.

A comitiva do CAER assistiu o acionamento e a decolagem imediata de uma aeronave F-5 do 1º/4º, Esquadrão Pacau, uma operação de rapel (descer verticalmente com utilização de cabo e outros apetrechos) do helicóptero H-60L Black Hawk, o embarque e desembarque rápido de tropa



O Cel Inf Leite, após o salto, entrega o Pavilhão Nacional ao Ten Brig Baptista, na Base Aérea de Manaus

aerotransportada em aeronave C-105 Amazonas e salto de paraquedistas do Batalhão de Infantaria Especial da Aeronáutica em Manaus (BINFAE). O Cel Inf LEITE, o primeiro



O Maj Brig Carminati, Cmte do COMAR VII e sua esposa, Srª Nazaré, entregam lembrança ao Ten Brig Baptista, ao lado do Ten Brig Burnier

paraquedista a saltar, conduziu o Pavilhão Nacional que foi entregue ao Ten Brig Baptista. A demonstração encerrou-se com a passagem em baixa altitude das aeronaves F-5, C-97 Brasília, C-105 amazonas, H-60L

Black Hawk. O Cel Av De Oliveira entregou placas de agradecimento ao Ten Brig Baptista, Ten Brig Burnier e ao Ten Brig Sérgio Bambini, encerrando o evento. O C-99 decolou no rumo da Serra do Cachimbo, no Pará, onde o grupo cumpriu a última etapa da viagem.

CAMPO DE PROVA BRIGADEIRO VELOSO (CPBV): CACHIMBO - PA

Do C-99 podia-se avistar a mudança da paisagem, ao sobrevoar a Serra do Cachimbo, já não mais a selva, mas uma vegetação de cerrado em transição para a floresta amazônica, no Campo de Prova Brigadeiro Veloso (CPBV), onde o grupo foi recebido pelo Maj Brig Jorge KERSUL (Caçador nº 691), comandante do COMAR VI, que deu boas vindas à comitiva acompanhado do Cel AV Sandro FRANCALACCI de Castro Faria, diretor do CPBV, que narrou a história do Campo iniciada no dia 3 de setembro de 1950, ocasião em que a primeira aeronave efetuou um pouso em Cachimbo. A sua inauguração, porém, aconteceu oficialmente em 20 de janeiro de 1954.

O CPBV cujo lema é "Você luta como treinou" é reconhecido internacionalmente por sua capacidade de simulação de cenários, estando apto a proporcionar estrutura de apoio de alto nível para o treinamento de equipagens de combate, terrestres e aéreas, além de executar ensaios, testes e experimentos de interesse do Comando da Aeronáutica. Os visitantes conheceram a usina pioneira de geração de energia hidroelétrica, movida ainda por uma roda d'água, no rio Braço norte. O Campo de Provas possui uma pista de pouso asfaltada (2.599 x 45m), equipada com VOR, DME e NDB, em condições de operar noturno e IFR. Em 2004

foi inaugurada uma pista auxiliar com 1.600 x 35m que possibilita pousos e decolagens em emergência. Fazendo parte do projeto SIVAM, foi instalada na área uma Unidade de Vigilância. O pátio de estacionamento principal tem capacidade para receber até 20 aviões de pequeno porte, sendo dotado de um hangar com instalações completas para uma Unidade Aérea.

O antigo aeroporto foi remodelado para receber os passageiros de aeronaves que passam por Cachimbo. O estande de tiro está localizado a cerca de 10 km da pista de pouso, ou seja, a partir da decolagem, o mesmo já está no campo visual do piloto. Dessa maneira, o deslocamento até o estande é mínimo, permitindo que horas de voo possam ser utilizadas em outras missões operacionais. O Campo de Provas tem ainda diversos estandes espalhados ao longo de toda sua área, desde objetivos de oportunidade até pistas e instalações simuladas de mísseis e radares. O CPBV-Cachimbo possui também uma forte vertente na área de pesquisa e na preservação ambiental. Estudos das camadas atmosféricas são anualmente realizadas por pesquisadores nacionais e internacionais, vinculados ao Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE). Há também um trabalho de preservação da fauna e flora, de reintegração de espécies de animais, dada a parceria entre o CPBV e o IBAMA na região.

Na Serra do Cachimbo, o Grupo de Estudos e os participantes do Curso do Pensamento Brasileiro II encerraram a visita e decolaram para Brasília, onde o Ten Brig Burnier e a sua equipe do COMGAR

desembarcaram. Na Sala VIP da Base Aérea de Brasília, o Ten Brig Baptista agradeceu ao Ten Brig Burnier pela presença e a operacionalidade do COMGAR. Carlos Nejar, escritor, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, confessou que durante a viagem sentiu-se como “a maioria dos cidadãos, pois, também ignorava o trabalho anônimo, perseverante e heróico das Forças Armadas na Amazônia” (leia nesta edição o seu artigo “Um Brasil desconhecido”).

A visita à Amazônia proporcionada pelo Clube de Aeronáutica foi inspiradora, modificando a percepção e a sensibilidade do Grupo de Estudos e dos participantes do Curso do Pensamento Brasileiro II que ao conhecerem a Amazônia Legal, constataram a importância do trabalho das Forças Armadas naquela



No CPBV, o grupo do CAER, Ten Brig Ar Baptista (ao centro, embaixo do nariz do AT-26 Xavante), Maj Brig Ar Kersul (segurando a bandeira) e sua esposa Sr^a Sandra e ao lado o Cel Av Francalacci, Cmte do CPBV, o Ten Brig Burnier (em pé, o 3º da esq. para a dir.) e o Ten Brig Ar Bambini (camisa listrada).

região, que tem sido objeto de muita controvérsia na imprensa mundial e sobre ela muitos falam, inclusive inverdades.

Pelos relatos dos viajantes, baseados no estudo do Pensamento Brasileiro em harmonizar o conceito de Cultura com o de Natureza, após a viagem, quando pensarem em Amazônia, lembrarão que tudo na floresta é superlativo e que “cultivar nossas raízes é plantar os seus ‘ontens’ e regar onde, sem dúvida, está o futuro do Brasil”.

DISCURSO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Diolásia de Lima Cheriegate

Membro do Grupo de Estudos

Jornalista

Excelentíssimo Tenente Brigadeiro do Ar Carlos de Almeida Batista, Presidente do Clube de Aeronáutica, na pessoa de quem cumprimento os integrantes da mesa e demais autoridades

Minhas senhoras, meus senhores.

O que seria do ser humano se não sonhasse..., se não imaginasse..., se não pensasse... e, se não tivesse a certeza de ser o senhor absoluto de seu universo abstrato? Teria certamente uma vida medíocre e sem graça, não acham?

Pois bem, acreditando na imaginação e na criatividade que existe em cada um de nós, convido-os, nesse momento, para uma pequena viagem de faz de conta.

Situemo-nos num passado distante: 22 de abril de 1500. Verifiquem, por favor, se ouvem brados de: 'Terra à vista! Sim, terra à vista!'

E aproximando-nos do navio de onde partem tais brados, ouçamos os aplausos, os risos, o júbilo... Observemos os abraços, as congratulações. Participe-mos dos festejos e da justificada alegria da festa que ali ocorre.

Aquela festa, vocês já devem ter percebido. Era

para nós! É que naquela ensolarada manhã de domingo, nascia o Brasil! Nascia o Brasil nas praias da Bahia! Nascia 'abençoado por Deus e bonito por natureza!', como nas palavras do cantor Jorge Bem.

Fiquemos um pouco nessa festa e observemos os que vieram de longe, através dos muitos mares que tiveram de navegar para aqui chegar.

Ao tocarem a terra firme e avistarem seus habitantes é bem possível que tenham se perguntado se eram mesmo, aqueles seres tão estranhos, os donos daquele paraíso. E, não tenham dúvida, de parte de nossos indígenas a estranheza não deve ter sido menor.

Gestos vão, gestos vem, conversa vai, conversa vem – sabe-se lá em que idioma – presume-se que partiram para as apresentações e troca de presentes.

E, foi bonito! Muito bonito! Porque, um dos primeiros e, talvez, o maior presente, que nossos nativos receberam foi a transmissão da fé em Cristo. No começo nada entenderam. Porém, com o passar do tempo, entendemos todos que desde o princípio da formação de nosso povo, a fé cristã constituiu o apoio espiritual e a resposta para nossas necessidades de transcendência.

Sabemos o que aquele presente simbolizava: afirmação de poder de conquistadores sobre conquistados. Mas não foi por isso, que o legado da fé representou menos.

O segundo presente foi o idioma. O Português. E diga-se: difícil de entender, de falar e de aprender.

Muito difícil. E, uma vez mais, aqueles visitantes, longe estiveram de perceber a grande importância que aquele bem cultural traria àquelas terras. É que com o passar do tempo, aquele idioma agregou seus habitantes de norte a sul, numa perfeita comunicação.

E o que mais aqueles desbravadores ofereceram aos nossos nativos, além da fé cristã e do idioma? Eles lhes trouxeram o desconhecido, o novo; eles lhes trouxeram idéias; trouxeram-lhes os saberes de outros povos. Trouxeram-lhes o conhecimento que havia no outro lado do mundo. Um conhecimento que só depois de passado muito tempo é que se dispuseram a conosco compartilhá-lo.

O tempo foi passando desde aquela memorável manhã. Os homens fizeram sua parte e fecundaram a vida. E, da miscigenação entre europeus, ameríndios e negros, surgiu a Nação Brasileira com seus valores, crenças e características próprias.

Em busca de conhecimentos filosóficos que reforçassem nossa identidade e nos justificassem como nação, acatamos desde então, três das principais correntes filosóficas que dominavam o pensamento europeu até quase o final do século XIX.

A primeira, a do Racionalismo francês, do filósofo e matemático René Descartes, famoso por sua afirmação "Penso, logo existo". Descartes apoiava a Ciência, defendia sua autonomia e a objetividade da razão frente aos postulados deístas da Igreja Católica.

A segunda corrente filosófica a nos influenciar foi a do Empirismo Inglês, de John Locke. (séc XVIII).

O Empirismo privilegiava a experiência vivida pelo indivíduo, ressaltando o valor de sua percepção e o registro de seus sentidos.

Jonh Locke é tido como o precursor da democracia liberal, tamanha a valorização com que distinguia princípios como a liberdade e a tolerância. A tolerância, no caso, era a religiosa, dada a época em que viveu.

Deve-se ao 'Empirismo', de Jonh Locke, o esboço de concepções que alicerçaram a democracia moderna e os Direitos Humanos, na forma como atualmente esses são expressos na 'Carta de Direitos'.

A terceira grande influência nos chegou por meio da filosofia do alemão Emanuel Kant, reconhecidamente famoso pelo seu 'Idealismo Transcendental'.

No entanto, porém, a nós brasileiros muito incomodava o fato de não pensarmos por nós mesmos e, mais ainda, por não expressarmos nossas idéias em nosso próprio idioma, falando de nossas almas, nossos costumes, nossas gentes, e de nosso pensar da maneira como nos víamos e nos sentíamos.

Mas..., eis que já estávamos na segunda metade do século XIX, e então surge, talvez o maior grupo de pensadores brasileiros, os quais passaram à história com o nome de a 'Escola do Recife'. Liderados por Tobias Barreto, fizeram parte desse grupo: Silvio Romero, Artur Orlando, Capistrano de Abreu, Prado Junior, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha entre outros.

A 'Escola do Recife' surgiu como movimento intelectual poético, crítico, filosófico, sociológico, e jurídico. Tendo à frente do grupo, Tobias Barreto, fundaram o

movimento filosófico chamado Culturalismo, que como o nome sugere, elegia a cultura e o desenvolvimento de suas potencialidades como o caminho para o entendimento do homem brasileiro e de sua integração com o mundo científico. E, dentro do conceito de cultura, temas como a mestiçagem no Brasil, a valorização do homem brasileiro e a investigação do caráter nacional, também eram muito estudados.

Como uma das conseqüências daquele movimento filosófico, emerge em 1922, a Semana de Arte Moderna, grande marco cultural na história de nosso país. Tal evento, idealizado e conduzido por Graça Aranha, contou com o apoio e a participação de intelectuais, empresários, escritores e artistas brasileiros, tais como Mario de Andrade, Heitor Villa Lobos, Di Cavalcanti, Tharsila do Amaral, Anita Maffalti, Oswald de Andrade, entre outros. E representou o rompimento das artes para com os paradigmas europeus.

A Semana de Arte Moderna de 1922 representou para o Brasil mais um brado de independência. Dessa vez, cultural. O Brasil bradou para o mundo que estava pronto para trilhar seus próprios caminhos, cortando amarras e imposições que o prendiam ao Velho Mundo.

O pensamento filosófico brasileiro muito deve aos fundamentos da 'Escola do Recife'. Essa soube magistralmente entrelaçar aspectos do Positivismo, de Augusto Comte, do Liberalismo de John Locke e do Idealismo de Kant, à moralidade de nossa nação, já solidamente calcada nos fundamentos do Cristianismo.

O 'Curso do Pensamento Brasileiro II', minis-

trado aqui no Clube de Aeronáutica, teve a honra e o compromisso de prosseguir no trabalho daqueles que, a partir dos idos da 'Escola do Recife', pensam o homem brasileiro, e buscam o pensamento próprio da nação, visando criar um censo de juízo, independente de correntes políticas, dogmas, paixões ou partidarismos.

Dessa forma, fomos beneficiados por conhecimentos ministrados por intelectuais de várias áreas do saber. Cito algumas: filosofia, artes, metafísica, antropologia, história, direito, conhecimento militar, teologia, entre outras.

Aproximando-me do fecho dessa fala, permitam-me lhes apresentar um conto, com certeza conhecido pela maioria dos presentes, e que julguei conectado aos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o sucesso do que hoje celebramos.

Como toda historinha, ele assim começa. Era uma vez... um transeunte muito curioso... Passando por uma obra em construção, perguntou a um operário: o que está fazendo? Ao que esse respondeu: 'estou assentando tijolos, não vê?

O transeunte curioso prossegue e faz a mesma pergunta a um outro operário. E ouve a seguinte resposta: 'Ganho o pão de cada dia com meu trabalho!'

Não satisfeito, prossegue mais um pouco em seu caminho, repete a pergunta a um terceiro operário. Esse entusiasticamente abre um sorriso e lhe responde: eu estou construindo uma catedral!

Notem senhores a diferença. Os dois primeiros operários pensam pequeno, pensam curto, pensam no

imediatos. O último, pensa grande, é comprometido com o que faz, percebe a importância de seu trabalho, e o executa com alma, compreendendo e visualizando o todo. Não se exclui. Participa. Comunga.

Transpondo o significado dessa singela história para o 'Curso do Pensamento Brasileiro II', sinto orgulho de termos durante todo esse ano de 2011, participado da construção de uma majestosa catedral; catedral chamada Brasil.

Aqui, buscamos entender os questionamentos inerentes à essência do 'ser brasileiro', do seu pensamento. Aqui, adquirindo conhecimentos, conscientizávamo-nos da necessidade da formação de um valor de juízo. De sabermos pensar. Porque assim, melhor teremos o que oferecer à nossa nação, muito mais que votar nas eleições, pagar impostos, torcer por um time de futebol, participar da Copa do Mundo, desfilar nas escolas de samba, ou, até mesmo, de melhorar a forma como atuamos em nossas profissões e no âmbito que nos rodeia.

Amigos de curso: Não nos distanciemos uns dos outros porque, chegaram as férias. Garanto-lhes que já contamos com a alegria do retorno no próximo ano. Porque, como dizia Saint Exupéry, 'não é a distância que mede o afastamento' entre as pessoas. E estamos unidos por laços intelectuais, afetivos e por objetivos em comum. Já sinto saudades.

Agradecimentos:

Entendo o verbo agradecer como o ato de celebrar algo que nos foi proporcionado por alguém, que tocou positivamente nossa alma e fez bater feliz nosso coração.

Coronel Araken: unida aos meus amigos de curso, vivo aquela insólita situação em que as palavras se esvaziam e perdem o sentido, diante de alguém a quem devemos muita gratidão. Agradecer a você, Araken, por todo seu empenho e dedicação, por sua atenta vigilância ao bem estar de todos, pelo trato sempre educado e cortês, por sua postura zelosa e fidalga para com os palestrantes e, por tudo que você representou para que o 'Pensamento Brasileiro II' pudesse alcançar a plenitude de seus objetivos, vai além das palavras. Que recaia sobre você, nosso agradecido e fraterno olhar de admiração. Só me permito lhe afirmar que valeu! Valeu por tudo. Obrigada, amigo!

Tenente Brigadeiro Batista: dileto servidor de uma Força Aérea que muito amamos e de um Brasil que se faz forte pela determinação, capacidade e espírito altruístico como o do senhor. Nosso agradecimento, acompanhado de um pedacinho do coração de cada um de nós. Cada um aqui reconhece que sem o seu inestimável apoio, sem o seu braço amigo, sem o seu senso de compartilhamento, nosso curso não teria sido possível.

Muito nos envaidece que, como nós, acredite nessa Nação altiva, erguida sobre alicerces de sólidos valores, sustentada pela fé de suas crenças e apoiada pelas vigas de sua cultura.

Como o senhor, confiamos no futuro. No futuro próximo e no porvir. Confiamos que em 2012 aqui, possamos retomar a construção da nossa catedral. Porque habita em nossos corações, a chama da esperança que se fez certeza, e que nos permite testemunhar um Brasil que rompeu com o presente e adentrou altaneiro no futuro.

Brasileiros como o senhor nos acrescentam e nos enobrecem.

Muito obrigada a todos.

NAÇÃO BRASILEIRA

Cel Av Sergio Ivan Pereira

A Nação brasileira pode ser conhecida como aquela que tem a língua portuguesa como a única língua falada em todo seu território – continente.

Este domínio da língua portuguesa foi alcançado devido, principalmente, a persistência dos portugueses que não permitiram a entrada de estranhos mesmo nas áreas de difícil acesso ao nosso território. Para a defesa desse território eles construíram Fortes em pontos tão estratégicos que ainda hoje ficamos perplexos com a localização de alguns deles. Um exemplo dessa perplexidade é um Forte colocado exatamente à esquerda numa curva onde o Rio Negro faz 90 graus à direita em direção à Colômbia num lugar de impossível navegação devido à quantidade de pedras no leito do Rio. Fica bem próximo de São Gabriel da Cachoeira que visitamos recentemente.

A religião predominante é a Católica Apostólica Romana, sendo admitidas, sem traumas, outras religiões. E cada um na sua fé e crença vive e respeita a liberdade e o culto do outro.

Todavia, o Brasil merece trilhar um novo caminho que torne possível um desenvolvimento ainda mais soberano. Este projeto, com toda certeza, dará certo se o povo acreditar em si mesmo.

Cultura Brasileira

Durante a colonização houve uma fusão, entre outras, das culturas indígenas e africanas. Data dessa época o início da formação cultural do Brasil. A população foi ocupando vários espaços onde convivem, até os dias de hoje, religiões, crenças, costumes e outras manifestações. E, por isso, o Brasil pode mostrar ao mundo a qualidade e a importância das suas diversas formas de culturas encontradas e desenvolvidas em vários caminhos e Regiões deste país. Poderíamos citar outras, mas escolhemos a música para nos levar por dois desses caminhos e atribuir a ela um lugar de destaque dessas nossas culturas.

A música caipira, a capoeira, os cantos indígenas, o samba, o maracatu são tipos de música que servem como marco para essa riqueza de cultura. Em Manaus durante nossa visita à Amazônia fomos brindados por um grupo folclórico fazendo uma apresentação do "Boi Bumbá" que é um ritmo oriundo da Região Nordeste que se espalhou pela Amazônia, principalmente, em Manaus e cidades próximas. Esse ritmo deu origem a um dos maiores espetáculos dessa cultura, depois dos desfiles das Escolas de Samba no Rio de Janeiro, com a apresentação de agremiações que cultuam esse ritmo na cidade de Parintins, vizinha de Manaus e que são transmitidos para o mundo.

No Rio de Janeiro, como já citado, temos, durante o carnaval, os Desfiles das Escolas de Samba que

são uma das maiores manifestações culturais do Brasil. Durante, aproximadamente, 12 horas esses desfiles impressionam turistas e que também são transmitidas para o mundo.

Ser Brasileiro

Poderíamos dizer como, Darcy Ribeiro, que somos um povo ainda na busca de um destino e uma identidade, etc.

Mas preferimos enfatizar que:

Ser brasileiro é nascer neste país que fala um só idioma do norte ao sul onde qualquer pessoa tem a liberdade para escolher sua religião e crença e também escolher onde fixar residência.

Ser brasileiro é poder visitar o norte deste país lá bem à esquerda na "Cabeça do Cachorro" bem pertinho da Colômbia e poder chorar, ir mesmo aos prantos, ao ouvir os nossos soldados-índios cantarem o Hino Nacional e declamarem a Oração Guerreiro da Selva.

Ser brasileiro é chorar ainda mais ao saber que, após a nossa despedida àquela localidade as famílias dos militares que lá residem oriundas de todas as partes do Brasil, ali permanecerão, por longo tempo, até o término das missões de seus maridos, pais, irmãos ou mesmo parentes.

Ser brasileiro é ser irmão de arma de um militar que, por iniciativa própria, foi capaz de evitar um verdadeiro pânico num determinado Hotel de Manaus e depois de passados aqueles momentos de tensão comentou com

uma voz saída do coração: "Recebi uma missão de proteger os senhores, por isso, apenas cumpri minha missão".

Ser brasileiro para mim é isso, com muitas lágrimas e tudo mais.

Poderia preencher várias laudas com a definição de Ser brasileiro, mas os itens acima colocados, na minha visão, são suficientes e se complementam.

PENSAMENTO BRASILEIRO

Lenor Freitas Bello

Orientadora Eucacional

Segundo Sócrates: Ensinar é envolver os alunos em discussões para torná-los conscientes de suas próprias ignorâncias e capacitá-los a descobrir por si próprios a VERDADE que o mestre detém, questionando: O que é mais importante no seu modo de ver? Acredito que o Cel Av. Araken Hipólito, deve ter se inspirado fielmente em Sócrates...

Fez-nos diversas perguntas para que do grupo de estudos do "Pensamento Brasileiro" possamos responder conscientemente...

Nível:

1. O que é o Pensamento Brasileiro?
2. O que fazer, politicamente?
3. Como fazer estrategicamente?

Temas:

4. O que é ser Brasileiro?
5. Qual a Base da formação cultural?
6. Qual o conceito de nação?
7. Qual a sua crença?

Respostas:

1. Pensamento – Ato humano de criar para o bem e para o mal... Através do pensamento, nos tornamos grandiosos ou pequenos... Pensamento Brasileiro é o ato humano de pensar grandemente em nosso país,

como país do futuro que já se tornou presente, como tão bem disse em seu discurso, nosso Imortal Carlos Nejar. É querer o bem para nós e para todos. E além de pensar, tomar o pensamento à porta para agirmos corretamente com ética, justiça e amor.

O Marquês de Pombal no século XIX procurou transformar o “saber de salvação” no ensino da Universidade de Coimbra em um saber científico. Mais tarde, Tobias Barreto através do CULTURALISMO (corrente filosófica brasileira) levanta a hipótese da integração do homem no mundo científico através da cultura.

2. As políticas que estão falhas são:

- Socialismo burocrático (estado do bem estar social)
- Fundamentalismo do mercado neoliberal.

A nova filosofia política – reação genuína entre governos e mercados que deverão ser dinâmicos, interagirão. Esta é a política da 3ª via com recursos, revitalizar a social democracia para uma era globalizada.

3. Reagimos à Globalização, criando uma sociedade coesa e economicamente eficiente, isto é, mobilizado o apoio a população para uma política radical, onde os primeiros passos são revitalizar a economia (reforma tributária e agrária), a sociedade (melhora na qualidade de vida e da educação) e o governo (eliminando a burocracia e os cargos sugadores de renda).

4. É desenvolver desde pequeno o espírito cívico, amor à pátria, orgulhar-se de pertencer a uma nação

que além de ter sua extensão territorial, fala uma só língua. Procurar-se conscientizar na hora de votar, para não contribuir para a corrupção dos nossos dirigentes. Não é apenas ser do país do futebol, é fazer parte de um povo lutador, guerreiro, que vence as adversidades e que ama o país além dos dias de jogo de futebol, mas a cada dia que o sol bate esquentando nossa pele e torrando nosso café.

5. Nos, brasileiros, somos uma miscigenação de raças, credos, costumes (um povo plural). Desde Indígenas (que ficaram mais ao norte e com a catequese, muito de sua cultura se perdeu); Portugueses (nossa colonização básica, mais de 300 anos sendo colônia de Portugal); Africanos (trazidos na maior parte como escravos em navios negreiros; eram obrigados a se converterem ao catolicismo, mas adoravam seus orixás através dos santos católicos de onde surgiram as religiões afro-brasileiras como: UMBANDA e BATUQUE. Contribuíram para a cultura brasileira através das danças e músicas – expressando suas alegrias e tristezas – culinária e até nos idiomas)

6. Nação é uma realidade sociológica de unidade territorial, de costumes, de idiomas comuns com consciência social e nacional, tradições, leis, religiões, etc.

Nação Brasileira – sem divisões ideológicas, é um conjunto de pessoas ligadas entre si por vínculos como já foi dito permanentes de idiomas, religião, ideais, cultura, consciência nacional harmonizando povos e credos.

Para Miguel Reale – Nação é um estado em potência. Segundo o Direito Internacional, cada Nação deve

constituir um Estado próprio.

7. Crer em Deus! Crer que cada um de nós, é uma célula de um ser maior que nos criou, que nos protege, que sempre que o chamamos, ele nos atende. Crer no ser humano bondoso, no espírito de justiça, que tarda mas não falha. Crer que com perseverança e amor, tudo conseguiremos para nós e para nossos semelhantes.

Crer é sentir as coisas que não se veem!

Deus Existe?

Após esta viagem especial, cultural, cortando o Brasil do Rio de Janeiro ao extremo noroeste da Amazônia, no distrito de Iauaretê , fronteira com a Colômbia, vivenciamos pessoas e fatos que marcaram nossas vidas em tão pouco tempo... Apenas três dias, deste final de ano 2011. Relembremos o que mais nos impressionou e conscientizemos: Somos brasileiros privilegiados por Deus, por assistirmos e participarmos de tantas demonstrações de patriotismo.

No 1º Pelotão Especial de Fronteira (Cachoeira das Onças), o 1º Tenente Coronel Rezende Guimarães Filho (Comandante do Comando de Fronteira Rio Negro), do 5º Batalhão de Infantaria da Selva, fez as honrarias do batalhão às autoridades presentes e, o que muito chamou nosso espírito de brasilidade, foi quando o 3º Sargento Lacerdo, Catete do 1º Grupo de Combate nos explicou sobre a Tropa Camuflada com pintura de guerra dos "Guerreiros Tucanos", etnia predominante nesta área.

Logo em seguida, o Tenente Paiva – Comandante

do 1º Pelotão Especial de Fronteira, nos fez ouvir a tropa cantando "Oração do Guerreiro da Selva", tentarei relembrar algumas frases:

*Senhor – tu és o guerreiro da selva!
Dai-nos a sobriedade para Persistir
A paciência para emboscar
A perseverança para sobreviver
A astúcia para simular
A fé para resistir e vencer
E dai-nos também, Senhor
A esperança e a certeza do retorno
Para defender esta brasileira Amazônia
Vivermos e vencer Oh! Senhor!
Que façamos com dignidade
Que mereçamos a vitória
Grito! (da selva)*

Perguntamos: - O que norteia o 1º Pelotão de Fronteira?

1. Vida – Com o apoio dos familiares que são o suporte de interação com as unidades indígenas tradicionais sem que sejam prejudicadas suas culturas.
2. Combate – Para manter a Soberania Nacional.
3. Trabalho – de carpintaria, cuidando dos suínos, dos peixe e da horta etc.

Muitos de nós, do grupo de visitantes, choraram ao sentir a alegria e a felicidade dos militares com suas esposas (vindas de várias partes do país)e que

já tem filhos lá. Naquele isolamento defendendo nosso Brasil. O amor existe! Eles creem desprendidamente no que fazem... Sentem orgulho de evitar a entrada do narcotráfico.

Dá para pensarmos: moramos em uma cidade belíssima com praias maravilhosas, conduções a tempo e a hora... cinemas, teatros, restaurantes, mercados, igrejas, metrô, etc.

Reclamar?

Por que não agradecer???

Agradecer lembrando-nos destes destemidos militares que defendem nossa terra, nossas águas. OBRIGADA! OBRIGADA!

Falando sobre a pista de pouso e decolagem:

A 1ª Comara implantada em 1980, modificando-se em 1986/87 e transferida a outro local (areia-asfalto) em 1988/90 – e sendo ampliada para 1600 metros de comprimento. Desde 2004, em construção para obter 2000m de comprimento.

O local é muito difícil para terraplanagem e pavimentação, pois existem várias cachoeiras, prejudicando sua execução.

A nova pista consumirá 200 mil sacos de cimento, transportados por balsas de MANAUS para IAUARETÊ, com trechos onde são necessárias duas balsas de 80 toneladas e um empurrador de 300 toneladas em um trecho, e mais duas balsas de 200 toneladas e um empurrador de 2000 toneladas em outro trecho.

Importante citar: Foi necessário retirar os

equipamentos (balsas e empurradores) do Rio e movimentá-las por 4km dentro de uma trilha não pavimentada... está sendo utilizado o mais moderno equipamento em pavimentação de concreto: O Terex, que trabalhou numa faixa de 4m de largura por 50m de comprimento de pista em uma hora.

Há tantos fatos importantes que não esqueceremos jamais tantas atitudes belas para contarmos à nossas famílias, amigos, conhecidos... Aqueles paraquedistas saltando em demonstração, inclusive um deles portando nosso símbolo da pátria, a bandeira. Outros saltando de helicópteros, pelos ares (em grupo)... nossos aviões à jato que saem para cobrir nossos céus, quando "algo suspeito aparece" para interceptar..

Os radares funcionando ininterruptamente, cobrindo todo o território. Já não existe mais o buraco negro. O que vimos, o que sentimos (como disse nosso comandante Belém - "Emoções"), o que lembraremos, dá para escrever um grande livro de recordações positivas; mas, não poderemos nos esquecer que por trás de todos esses fatos, existem homens inteligentes, preparados, liderando, para poder ser mantido algo que não se vê mas que se sente: espírito de união, amor pelo nosso Brasil, dando a certeza de que cada um é responsável por sua parte para que o todo seja mantido.

A importância do Ten Brig Ar Gilberto Antônio Saboya Burnier - Comandante Geral de Operações Aéreas. Este prontamente com o ex-ministro Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista (atual Presidente do

Clube de Aeronáutica) e nosso diretor cultural Cel Av Araken Hipólito da Costa, nos proporcionaram esta vivência cuja sorte poucos tiveram!

O herói de nossa viagem – Sargento Jorge (sempre solícito, ajudando as senhoras a descer ou subir do avião, do ônibus e no momento crítico, quando a maioria de nós ainda estava em nossos aposentos no hotel, houve um escapamento de um tubo de gás na cozinha, ele pegou o extintor de incêndio que falhou e teve a presença de espírito e coragem e apagou o incêndio com outro. Já estavam se formando labaredas bem altas. Coronel Sergio Ivan o saudou e com permissão de superiores oficiais, será entregue uma placa para o Sargento Jorge, em agradecimento por todos nós.

Para esquecer o cansaço, para descontrair, um maravilhoso coquetel e jantar na casa do Brigadeiro que, com sua esposa, nos recebeu e nos presenteou com chaveiros, enquanto assistíamos ao conjunto de dançarinos e ao cantor.

Conclusão: Tenho certeza, Deus existe!!!
(respondendo a pergunta no início do trabalho).

ENCONTRO COM A AMAZÔNIA

Clivia Maria Almeida Bulhões

Administradora

Confesso que cheguei para o embarque rumo à Amazônia com o Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro, apenas com o mapa, a mala e o espírito aventureiro. Retorno enrolada na Bandeira Brasileira, com o coração verde e amarelo, com o brilho das estrelas em meus olhos e em minha alma, e, mordida pelo mosquito, não do esquecimento, mas de orgulho e do amor pela Amazônia e pelo meu País! Conheci e vivi meu Brasil caboclo!

Despertei na Amazônia minha cidadania quando em Cachimbo, no ônibus a caminho da cachoeira, ladeados pela floresta, ao som das águas escuras que corriam sobre as pedras, o Coronel Francallaci nos disse: "A gente só ama o que conhece!" Verdade absoluta! Em casa, revendo as fotos que bati na viagem, lembro de cada momento em especial e dos sentimentos que cada um despertou em mim.

Em Sinop, conhecendo o trabalho dos brasileiros oriundos de lugares longínquos e diferentes, vivendo quase isolados, vi a chama da esperança e de fé no futuro da Amazônia. Em Porto Velho constatei o que nos foi dito no briefing de chegada. Avenidas largas, arborizadas, bem cuidadas, com grandes shoppings e grandes lojas, comprovaram o grande desenvolvimento

da cidade. Em São Gabriel da Cachoeira, pousando em plena selva em uma pista concretada com logística e táticas de guerrilha, entendi a importância da aviação para diminuir as distâncias entre os homens e suas famílias e para integração da Amazônia. Com orgulho vimos uma mulher comandante e juntas abraçamos a dor da perda de um filho. Ali aonde só se chega de avião ou de barco a bravura e a coragem de uma mulher que domou sua dor e não abandonou o posto. Em Yauaretê ouvi e acompanhei o Hino Nacional, alto, vibrante e sem acompanhamento, em plena selva ao lado de uma aldeia indígena, em companhia de índios, caboclos e brasileiros oriundos de lugares tão diferentes, sem cor definida, várias caras aprendendo a fazer melhor. Emocionada reconheci no soldado fardado marchando no pelotão militar, o rosto pintado de um índio. Partilhei o suco do cupuaçu e comunguei com tantas adversidades um lanche colhido em sua origem. Do avião, tive consciência do tamanho da floresta e dos rios. Vi a Amazônia verde e vibrante lá embaixo e enchi os olhos de lágrimas com tanta grandeza. Fui cúmplice da solidão partilhada entre homens e mulheres pela distância de suas origens, e em defesa de nossa soberania. Em lugares longínquos e desconhecidos por nós, vi água e mata serem vencidas e percorridas por brasileiros. Conheci as máquinas, a coragem e a generosidade de um punhado de brasileiros vivendo, voando e respeitando a natureza selvagem e exuberante da região em busca de recursos para suprir a necessidade e as distâncias dos caboclos amazonenses. Vi estampada no rosto dos

Yauaretês a verdade da frase no portal de entrada do destacamento. "A selva nos une. A Amazônia é nossa." Senti a alegria de nos receberem e o orgulho de estar a serviço do nosso país. Bebi na fronteira a mesma água de coco dos nossos poucos e bravos irmãos de rostos tão diferentes dos nossos. Fui testemunha das palavras da esposa de um oficial, em sua simplicidade, ao dizer da alegria que a nossa visita lhes trouxe. Ali eles nunca recebem ninguém! Descobri que ainda nos emocionamos com coisas simples, que somos capazes de chorar com nosso reconhecimento e acreditar que temos um futuro. Dividi meus sentimentos com uma mistura de vergonha pela desinformação que temos a respeito da Amazônia aqui no sudeste, cercados de comodidades e tranqüilidade, ao constatar que podemos dormir confiantes que nossas riquezas estão sendo preservadas e nossos céus bem defendidos e patrulhados. Em Manaus ouvimos a música da floresta e dançamos a dança da paz, da fraternidade e igualdade. Éramos muitos e nos sentimos uma só tribo. Finalmente quando a bandeira brasileira foi trazida pelo soldado desconhecido que saltou de para-quedas de um helicóptero em demonstração, reconheci minha nação e meu orgulho de ser BRASILEIRA! Em Cachimbo ao ver nossa bandeira verde e amarela balançando ao vento, ao lado da onça, reunidos para uma última foto em grupo, nos sentimos felizes por acreditar que ainda somos capazes de sonhar.

Somos um povo que teve suas aspirações levadas em conta em nome dos interesses da prosperidade

empresarial exploradora. Um povo que teve como base uma força de trabalho afundada no atraso e na pobreza. Nossos povos tribais sofreram um enorme genocídio e os negros escravos uma das piores condições de vida já existentes. No entanto, surpreendentemente, essa massa de negros, mulatos e caboclos formou a etnia brasileira, um dos povos mais criativos do mundo. Apesar de todas as fusões de matrizes, somos um dos povos mais homogêneos lingüística e culturalmente da terra. Nossa singularidade está na absorção do negro e do indígena em todos os aspectos do nosso cotidiano.

É o Brasil um país abençoado de fato!

Bendito este povo que possui todas as raças, de todos os credos!

Olho ao meu redor, e me vejo.

O CONCEITO DE NAÇÃO

Diolásia de Lima Cheriegate

Membro do Grupo de Estudos

Jornalista

Nação: comunidade de indivíduos que dispersos por áreas geográficas e políticas diversas, estão unidos por identidade de origem, costume e religião. (Dicionário Houaiss).

Transportando tal conceito para o que entendemos como nação brasileira, salta-nos aos olhos a imensidão de um território-continente, em que seus cidadãos, espalhados entre os extremos do Monte Caburaí, ao norte; do Arroio Chuí, ao sul, da Ponta do Seixas, na Paraíba, ao leste, e da nascente do Rio Moa, no Acre se comunicam por um idioma predominante, o Português.

Sua religião tendo como base o Cristianismo, admite a convivência de religiões, rituais e crenças, cuja tônica é o respeito à liberdade de culto e o respeito ao outro, ao diferente.

Acrescente-se ao território, idioma e religião uma culinária em que o pão de queijo, a feijoada, o churrasco, a farofa e a tapioca unem seus cidadãos numa perfeita linguagem de conhecidos sabores, em que todos se reconhecem como brasileiros.

Essa nação de infinitos pontos em comum ancora-se em forte e saudável sentimento patriótico, amalgama-se no orgulho de sua soberania e se ufana

de sua confiança num futuro, que já se estabeleceu como presente concreto e palpável.

No entanto, ressalte-se que o que melhor caracteriza a alma dessa nação, é um sentimento antibelicoso, um enraizado comprometimento com a paz, e a inata vocação para o compartilhamento, solidariedade e acolhimento.

Diante das considerações acima, cabe-me expressar o exemplo vivo e comovente que presenciamos em nossa viagem de estudo pela Amazônia. Ali, no estado do Amazonas, no rincão mais extremo da 'Cabeça do Cachorro', em Yauaretê, fronteira com a Colômbia, tivemos o privilégio de vivenciar a experiência mais intensa do que seja pertencer a essa nação. Ali fomos recebidos por militares do Pelotão de Fronteira do Exército, que, apoiados pela Força Aérea, cumprem a tarefa de bem servir à sua Pátria, defendendo e resguardando seus compatriotas, suas riquezas minerais, sua fauna, flora e seu chão, propiciando, junto com suas esposas e através da alfabetização e transmissão de conhecimentos, promoção humana e inclusão social. Nossos brasileiros indígenas, oriundos de variadas etnias, recebem dedicado apoio nos processos de aculturação e inserção no mundo moderno, dentro do respeito aos bens culturais de suas etnias e comunidades, onde sequer a televisão faz parte do dia a dia.

Prosseguindo no recorte daquela viagem de estudo, percebemos que o senso de responsabilidade e comprometimento dos citados brasileiros para com a pátria se espalhava como que por meio de ondas

mágicas, vibrações, que, quase materialmente palpáveis, nos tocava no mais íntimo de nossa brasilidade. No canto do Hino Nacional e no declamar da Oração do Guerreiro da Selva sentimos a pujança do ideal que os unia e que a nós enlaçava. Praticamente todos nós choramos de emoção e, com certeza, todos nós nos comovemos além do esperado. Em presença daqueles militares e de suas famílias, reverenciamos a abnegação e o altruísmo do cotidiano em que vivem. O nobre sentimento de patriotismo com que executam suas missões os mantém serenos, realizados, altivos e orgulhosos.

Sobre o palanque em que fomos acomodados, procurei adivinhar o que havia por baixo da camuflagem daqueles rostos à minha frente e, intuitivamente, me senti conectada com a alma brasileira que dentro daqueles corações pulsava. Daí a intensa emoção. Em retorno, percebi que éramos perscrutados por olhares respeitosos, que igualmente nos buscavam, irmanados na celebração de nossa brasilidade.

Ao concluírem sua apresentação militar, fomos convidados para mais um contato profundo com nossa cultura, por meio de rápida refeição, cuja culinária se baseava em produtos diretos da terra: fruta como abacaxi, raiz, como a mandioca, aipim ou macaxeira, e fruto como o coco. Mais brasileiro impossível!

Concluo, afirmando que, os sorrisos, cumprimentos e conversas daquela visita tão rápida quanto intensa, remeteram-nos a certo sentimento de solenidade e reverência que quando nos acometem fazem

com que quaisquer palavras percam o sentido.

Ao nos despedirmos senti um vazio na alma. E ali no silêncio interno de meu ser, fiz uma reverência muda àquele grupo de brasileiros que, pela dedicação às suas missões, se transcendem diariamente, diante dos valores pelos quais vivem. Valores que lhes dão sentido à vida e que nos definem como uma nação.

Muito obrigada.

COMENTÁRIOS SOBRE O PENSAMENTO BRASILEIRO

Cel Int Franklin José Maribondo da Trindade

Quem é essa nação?

Quem é esse ser brasileiro?

Quem é essa nação chamada Brasil? Quem é esse ser brasileiro? Diante desses questionamentos imediatamente responderia que o Brasil é um país constituído por um povo cujos anseios estão voltados à construção de uma democracia, associada à ordem e ao progresso. Uma democracia para que exista liberdade de escolha. Um sistema ordenado capaz de manter a ordem pública e as garantias constitucionais. E finalmente um progresso construído com competência para oferecer qualidade de vida a seus cidadãos. Entretanto, entendo que a formação desse pensamento que vem se desenvolvendo desde o nosso descobrimento em 1500, ainda não conseguiu a estabilidade própria de uma nação milenar. Esse processo de construção desse **"ser e sua nação"**, que tem apenas 511 anos, sofre de ondulações periódicas em razão de acontecimentos de ordem política, filosófica, social, econômica, cultural e até de ordem tecnológica que ocorrem continuamente nos contextos nacional e internacional, no decorrer dos anos, e que vêm interferindo na formulação do

pensamento e continuidade de suas escolhas.

Quando nossos descobridores e aqueles que os sucederam aqui chegaram, trouxeram consigo os componentes básicos a formação do pensamento de um povo. Com eles, pisaram também na Terra de Vera Cruz seus sentimentos religiosos, culturais, filosóficos, políticos e etc, formados e consolidados durante o decorrer dos séculos no velho continente. Assim nascemos e tivemos que adotar, até por que não tínhamos outra opção, todos esses pensamentos e seus formuladores, que pelas terras desse imenso país se disseminaram. Mas, com o passar do tempo após longas jornadas dedicadas à fixação do homem nas terras descobertas, iniciou-se um processo de miscigenação envolvendo os portugueses e seus descendentes, a população nativa existente, a população escrava trazida do continente africano, os espanhóis e adicionalmente os invasores franceses e holandeses que vieram e apesar de terem sido expulsos deixaram as marcas características do pensamento filosófico, cultural, político, etc de suas nações. Com isso, o primeiro aspecto a ser considerado na formação do pensamento brasileiro pode ser atribuído a essa miscelânea das atividades culturais, notadamente na música e dança, nos hábitos alimentares, na arquitetura e o mais importante na adoção da língua portuguesa como idioma nacional, tornando-a o elemento integrador de uma unidade de pensamento.

O segundo aspecto que considero ter influência na formação de um pensamento nacional e na carac-

terização do ser brasileiro decorre de um processo de insatisfação contínuo que tem início dos anos 1800 nos quais muitos fatos aconteceram e que construíram a história dos movimentos políticos e revolucionários no Brasil. Essa insatisfação passa pelas idéias francesas ou liberais / iluministas que influenciaram todo o país, ideais republicanos, movimento prol do liberalismo político, a falta de autonomia política das províncias e a concentração do poder nas mãos da monarquia, entre outros. A consequência foi o grito do Ipiranga, que proclamou a Independência do Brasil do reino de Portugal. O novo regime se manteve por cerca de 67 anos, mas não resistiu às novas insatisfações ocorridas no período imperial e em 1889 deu-se um levante político-militar que instaurou a forma republicana federalista de governo no Brasil, derrubando a monarquia palamentarista do Império do Brasil e, por conseguinte, pondo fim à soberania do imperador Pedro II. Os rastilhos que se alastraram e detonaram esse levante estão ligados às crises econômicas, às questões religiosas, ao movimento abolicionista, à própria insatisfação dos militares que não possuíam uma autonomia de tomada de decisão sobre a defesa do território e, finalmente, a atuação dos pensadores positivistas que eram defensores do ideal republicano e do desenvolvimento econômico e social brasileiro. Mais um vez houve uma transição de ordem política sendo proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil.

O período republicano, que se estende até os dias atuais, também está repleto de movimentos

revolucionários, em geral, motivados por insatisfações políticas tanto de caráter regional como nacional: a revolução Federalista no Rio Grande do Sul motivada pela questão da autonomia estadual; o movimento de libertação do Acre do domínio Boliviano; um movimento em Juazeiro inspirado na figura do Padre Cícero; a Libertadora, também no RGS, que combatia o positivista Borges de Medeiros; a Coluna Prestes, em 1924, que embora tendo origem em SP teve um alcance nacional e lutavam contra o Partido Republicano Paulista; a Revolução de 1930 sob a Liderança de Getulio Vargas com o objetivo de derrubar o governo de Washington Luis, onde a partir daí ficou clara a bipolarização ideológica; a revolução de 1932 cujo objetivo era a derrubada do governo Getulio Vargas e a promulgação de uma nova constituição; a intentona comunista de 1935 e finalmente a Revolução de 1964 motivada pela bipolarização ideológica mundial entre Oeste e o Leste. E nessa inconstância de rumo foi-se desenvolvendo o pensamento brasileiro.

Entretanto, no final do século XX testemunhamos grandes mudanças na fase da terra, que influenciaram o pensamento das nações e caracteriza o terceiro aspecto destes comentários. E aqui quero me fixar especialmente na questão de ordem econômica caracterizada pela repetida idéia da aldeia global. Milton Santos em seu livro, *Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal*, (1) fala

com muita propriedade que:

"...impõe-se à maior parte da humanidade uma globalização perversa, onde emerge uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, traços marcantes do atual período histórico, intimamente relacionadas, capazes de influenciar as relações sociais e interpessoais, inclusive o caráter das pessoas..." "Dentro desse quadro, as pessoas sentem-se desamparadas, o que também constitui uma incitação a que adotem, em seus comportamentos ordinários, práticas que alguns decênios atrás eram moralmente condenadas. Há um verdadeiro retrocesso quanto à noção do bem público e de solidariedade, do qual é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado com a ampliação da pobreza e os crescentes agravos à soberania, enquanto se amplia o papel político das empresas na regulação da vida social". (Santos, 2010)

O último aspecto que abordarei, que a meu entender foi capaz de realizar grandes transformações na formação no pensamento brasileiro, está ligado à questão das descobertas revolucionárias da humanidade. José Carlos Amarante em seu livro *O Voo da Humanidade* (2) denomina de "tecnologias de impacto", as tecnologias que são capazes de influenciar na conformação socio-cultural da humanidade. Entre as 101 tecnologias selecionadas, a primeira delas é o fogo na era da pedra lascada, passa pela roda na revolução agrícola, pela televisão na revolução industrial e ao

final, na era da revolução tecnológica, cita entre outras a internet, a engenharia genética e a célula-tronco. Segundo ele, uma tecnologia de impacto proporcionada à sociedade humana, provoca alterações no viver, no pensar, nos valores, na cultura, na comunidade, nas normas, nas leis e nas instituições.

Enfim, a influência desses dois últimos aspectos, a globalização perversa e o impacto das descobertas revolucionárias, torna esse questionamento de quem é essa nação e esse ser brasileiro, no contexto de um mundo cada vez mais e frequentemente mutante, uma questão complexa e de difícil certeza. Acredito que esta mistura de raças que lhes deu origem, a capacidade do povo brasileiro em adaptar-se às mudanças, a insatisfação constante, no campo político / filosófico torna-se, na verdade, um aliado à sua própria sobrevivência na caminhada para o futuro. Penso, então, que a discussão do assunto continua em aberto.

-
- (1) Santos, Milton – Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência Universal, RJ, Record, 2010.
 - (2) Amarante, José Carlos – O Voo da Humanidade e 101 tecnologias que mudaram a face da terra, Bibiloteca do Exercito Editora. RJ - 2009

O QUE É SER BRASILEIRO?

Edna Lúcia Bulhões de Britto

Jornalista

Neste país de dimensão continental, conseguir manter o modo de ser próprio de cada região, com tantas diferenças climáticas, econômicas e culturais, e sermos uma única nação, é realmente uma característica bem brasileira.

Ao preservarmos a unidade lingüística (com raras exceções no sul do Brasil) mantivemos nossas tradições culturais, nossos costumes, nossos hábitos alimentares; e com o nosso rico folclore, as músicas, danças e crenças religiosas; herança dos nossos antepassados: índios, brancos e negros.

Infelizmente, com a globalização, estamos mudando nossos costumes, nosso modo peculiar de ser. Uma das mudanças mais marcantes é em relação ao uso das palavras de língua estrangeira, substituindo nosso português em certos comerciais, lojas, cardápios etc. Em um determinado bairro do Rio de Janeiro, temos a impressão de estarmos fora do Brasil, os letreiros são quase todos em inglês. Precisamos pensar a respeito de nossa brasilidade, pois ser brasileiro é preservar nossa cultura, nossa língua escrita e falada.

Ser brasileiro é ser ou não índio, e pertencer ao 1º Pelotão Especial de Fronteira em Iauaretê nos confins da Amazônia, fronteira com a Colômbia, car-

regando uma arma pesada, uma mochila também pesada, com o rosto pintado adentrando pela selva para defender o Brasil do inimigo invasor. É cantar a Oração do Guerreiro da Selva e o Hino Nacional Brasileiro com tanto orgulho, com tanto vibração (nunca por mim visto) que faz qualquer brasileiro chorar de emoção e encher os olhos de lágrima do próprio comandante. Nesse momento tenho vontade de chorar, não mais de emoção, mas de vergonha mesmo, quando lembro alguns de nossos atletas com uniforme da Seleção Brasileira, muitos com milhões nas contas bancárias e que infelizmente não sabem cantar este mesmo hino.

Ser brasileiro é sair da cidade de origem não importa se no sul ou sudeste do Brasil, para servir e morar nessa mesma comunidade indígena, levando a jovem esposa que se somará aos sessenta habitantes da localidade, e ver em seus olhos a felicidade.

Ser brasileiro é deixar o conforto da cidade grande, o status de um piloto de caça e ir trabalhar na COMARA (Comissão de Aeroportos da Região Amazônica), nesta mesma Iauaretê, que na língua indígena significa Cachoeira das Onças, lugar de fera mesmo, onde só se tem acesso de avião da Força Aérea Brasileira ou de balsa da COMARA; quarenta dias de viagem até Manaus, lembrando que a navegação é restrita de dezembro a março e onde a malária e a febre amarela são muito frequentes, tudo isso para ampliar a pista do aeródromo desta localidade.

Ser brasileiro é deixar de morar em Recife, a beira-mar e ir junto com seu Esquadrão 2º/8º GAV para

Porto Velho, e recém-chegado, partir para a Rússia, a fim de realizar o curso de seis meses do Helicóptero AH-2 SABRE, enfrentando temperaturas muito baixas e muita neve. Ser brasileiro é pilotar o AH-2, primeiro helicóptero de ataque da FAB e voar em Porto Velho no Esquadrão Poti, um nome bem brasileiro!

Como falei anteriormente, neste país continental e aéreo, podemos observar os grandes contrastes de duas cidades no estado do Amazonas: Iauaretê e Manaus. Manaus se destaca atualmente não como capital do estado, e sim por possuir o CINDACTA IV (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo), que possui o que há de mais moderno e eficiente em se tratando de comunicação para tráfego e defesa aérea, incluindo informações meteorológicas de alta precisão e executando atividades relacionadas com a vigilância e o controle do espaço aéreo geral e tendo por missão manter a integridade e a soberania do espaço aéreo brasileiro. Sendo assim, ser brasileiro é ter conhecimento de como se encontra a segurança do nosso espaço aéreo, um dos mais seguros do mundo.

Finalizando, não poderia deixar de citar a importância da criação do Curso do Pensamento Brasileiro pelo Clube de Aeronáutica e aqui lembro Tobias Barreto, fundador do movimento de idéias com os pensadores da Escola de Recife. Vamos continuar...

METAMORFOSE

*"O que o homem chama de fim, a lagarta
chama de metamorfose"*

Ivani Fausto Gomes

Advogada

Viajei para a Amazônia¹ com o grupo de estudos do Pensamento Brasileiro a fim de pesquisar no campo e coletar dados que nos permitisse, a partir do conceito de nação, avaliar a brasilidade dos habitantes dos sítios visitados.

Imbuídos do mais autêntico espírito científico, era possível perceber nas feições de cada um que nossa pesquisa, de fato, começara bem antes e que, embora alguns já houvessem visitado aquela região em outros tempos, o conhecimento assimilado carecia ser posto à prova.

Assim, embarcamos em nosso laboratório aéreo com a mente e o coração abertos. E então começou a verdadeira pesquisa. É que o ser humano é muito complexo. Haja terapia! E sem um terapeuta em nossa aeronave fomos lançados à uma egotrip coletiva onde as emoções deram a tônica da expedição. Lentamente, fui compreendendo que ouvir o outro era uma premissa verdadeira, mas o ponto de partida éramos nós mesmos.

Passei a fitar obsessivamente minha imagem refletida em espelhos, em janelas. O próprio narciso de saias! Assim, o autoconhecimento fortaleceu em mim

o conceito de que o brasileiro é indubitavelmente fruto de uma miscigenação de raças. Parafraseando Silbion², sou levada à conclusão de que definitivamente habitam em mim o europeu e o índio como dois vultos que se buscam e se amam loucamente.

O que dizer dos meus companheiros e companheiras de viagem? Nós mesmos somos uma prova irrefutável de que o brasileiro descende do mesmo caldeirão misto de raças. É que, apesar da intensa mistura, normalmente brasileiro tem cara de brasileiro.

E o que dizer da formação cultural? Não se pode olvidar que a mestiçagem no Brasil, também resultou numa miscigenação cultural. Mas como a nação brasileira, apesar das distâncias continentais, há muito é uma nação globalizada – creio que este conceito esteja cunhado em nosso DNA – para mim não foi tão difícil entoar algumas canções do Boi de Parintins. Reconheço que os passos carecem de mais ensaio. A verdade é que a cultura daqueles rincões, mesmo não sendo a da minha macrorregião, como definiu Darcy Ribeiro³, foi de alguma forma assimilada pelo Boi do Maranhão e eu mesma já dancei o Boi no Piauí.

Creio que esse sentimento de brasilidade faz com que nos apropriemos descaradamente de sotaques e outras manifestações culturais, porque tudo é Brasil, porque somos brasileiros, porque, mesmo com toda miscigenação, somos um único povo.

Vale dizer, que na Amazônia visitada conheci brasileiros do Ceará, de São Paulo, do Paraná, da Bahia, da Paraíba, de Minas Gerais, do Rio Grande do Norte... Uns estão de passagem e outros foram para ficar. É um processo de integração do território que aproxima

as pessoas e as mantêm conectadas nesse sentimento comum de nação. Testemunhei o sorriso constante de quem está em paz e tranquilo em seu lar, mesmo com as dificuldades próprias do lugar. Alguns são fronteiriços, mas estão com os dois pés e o coração no território brasileiro. E entoando seu grito de Selva, eles querem na realidade dizer: somos brasileiros!

Esse fato nos leva, inexoravelmente, à conclusão de que os limites de nossa consciência espacial, estão diretamente ligados ao sentimento mais profundo de nação, o mesmo que habita a mente do gaúcho da fronteira ou do brasileiro residente na imensidão amazônica. E esse sentimento está simbolicamente representado pela cuia de chimarrão que partilho com minha vizinha aqui no Rio de Janeiro ou pela refrescante água de coco saboreada em Iauaretê.

Comungo da idéia de que o pensamento brasileiro está verdadeiramente em cada um de nós e torço para que as transformações que essa viagem operou e, ainda está operando em meu ser, tenham o condão de tornar-me uma brasileira melhor.

¹Rio de Janeiro – Brasília – Sinop – Porto Velho – São Gabriel da Cachoeira (AM) – Iauaretê (AM) – Manaus – Serra do Cachimbo – Brasília – Rio de Janeiro – De 03 a 05 de Novembro de 2011.

²Poema Lunalva deixado por Silbion na entrada “dos Infernos” in Sélesis. NEJAR, Carlos. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1960.

³RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O BRASIL NÃO CONHECE O BRASIL

João Victorino

Membro do Grupo de Estudos

Jornalista

Esta afirmação pode parecer estranha, mas depois que pude participar de uma viagem de pesquisa do Grupo de Estudos do Clube da Aeronáutica, tive a certeza de que ela não era apenas uma fantasia imaginada por Aldir Blanc, em "Querelas do Brasil", que fez muito sucesso na voz da Elis Regina.

Enquanto na música o Aldir alega que "o Brasil não conhece o Brasil", numa alusão aos estrangeiros que cobiçam aquela área, hoje tenho a certeza de que ele também não é conhecido por boa parte da sua população, principalmente a que vive nos grandes centros e não mira o seu olhar para o interior. Nunca imaginei que pudesse encontrar um país que olha para o futuro, que se desenvolve numa velocidade inimaginável por muitos de nós, fora dos grandes centros.

Num roteiro previamente estabelecido pelo Ten. Brig. Burnier, Comandante Geral das Operações Aéreas - CONGAR, sediado em Brasília, pudemos descobrir que as dificuldades nunca serão empecilho para que os objetivos sejam alcançados.

O tour foi iniciado em Sinop, uma cidade encravada no norte de Mato Grosso, onde o progresso pode ser vivenciado. A sua construção foi nos anos 70. Hoje

tem mais de 110 mil habitantes, sendo a quarta mais importante do estado.

Os campos verdes refletiam as técnicas mais modernas de agricultura levados por um grupo de imigrantes oriundos da Região Sul, principalmente do Paraná. O projeto creceu e hoje contam com universidades federais, estaduais e particulares. Uma qualidade de vida invejável. Por seu lado, a Aeronáutica vem dando a sua contribuição com o sistema de radares fixos e móveis, e a construção de pistas de aterrissagem modernas, para permitir a sua utilização por aeronaves de grande porte.

Em Porto Velho, numa viagem a bordo do helicóptero russo, recentemente adquirido pelo governo brasileiro e incorporado ao Segundo Esquadrão do Oitavo Grupo de Aviação, pude sentir o desenvolvimento de uma cidade, que tem um reduzidíssimo índice de desemprego e uma população que cresce a olhos vistos, num curto espaço de tempo.

Os militares que estão supervisionando o programa não ficam atados apenas às suas funções. Muitos deles vêm se dedicando a outras tarefas, na maior humildade, discrição, voluntariamente. Têm orientado a população carente a construir poços artesianos e banheiros, pois a cidade não tem um plano de fornecimento de água potável e saneamento básico que atenda a todos.

Também fazem um trabalho social de coleta de bens materiais que possam minorar as dificuldades dos mais necessitados, doando colchões, redes, roupas

usadas, e procurando fazer palestras que falam da importância da higiene e de hábitos salutarés.

A seguir fomos a São Gabriel da Cachoeira, uma cidade estratégica, no Amazonas, onde também a Aeronáutica desenvolve projetos de controle do nosso espaço aéreo e de soberania. Por causa desse trabalho é que estão podendo se rejubilar pela redução de narcotraficantes na região.

O próximo passo foi a pequena Iauaretê, na fronteira com a Colômbia, dentro da Reserva Indígena do Alto Rio Negro. Nada de cocares, de penas, de fantasias imagináveis. Encontramos um batalhão de abnegados soldados que, ao lado de suas famílias, formam um pequeno contingente de 60 pessoas. Boa parte da tropa foi recrutada entre os nativos, incorporados a soldados oriundos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Ceará, só para citar alguns, que se dispuseram a realizar o trabalho proposto.

O sorriso foi a marca maior. As dificuldades impostas pela aridez da região nem pareciam existir. Tudo o que necessitam, além daquilo que a terra ou o rio pode oferecer, somente chega até eles por meio de transporte fluvial a partir de São Gabriel, e que não demora menos do que quarenta dias, ou a bordo dos aviões militares.

A pequena pista de pouso está sendo ampliada para dois mil metros de comprimento, de modo a permitir o pouso de aviões de grande porte. A tarefa não está sendo nada fácil. O cimento é despachado de Manaus, por meio de balsa, pelos rios Negro e Uaupês

acima. Mas, nem sempre as condições de navegação fluvial são favoráveis, e assim os incansáveis soldados acabam tendo que transportar a carga de cimento e outros materiais, por trilhas no meio da mata, num percurso de cerca de quatro quilômetros, até que os rios permitam o embarque numa outra balsa.

A população daquela base está conectada à modernidade através de televisão via satélite, de onde também recebe sinal para a banda larga e o acesso à internet. Isso tem feito com que possam estar informados com o que se passa no restante do país, porque jornais, revistas e livros são artigos de luxo. Esses recursos também têm permitido que acessem os mais diferentes credos religiosos.

Nessa vida comunitária, usam de todos os meios possíveis para reduzir os efeitos da saudade que sentem das cidades de origem. O pão de queijo e a feijoada convivem com a culinária nativa, onde o samba carioca também anda de braços dados com o forró da região.

Solidão é uma coisa que não esmorece o trabalho dos pelotões que estão atuando em toda a Região Amazônica. Por exemplo, na Serra do Cachimbo, que estive na ordem do dia quando do acidente entre o avião da Gol e o Legacy, pilotado por norte-americanos, os militares se revezam em duas equipes. Cada uma fica quinze dias por lá, na base aérea, sem o convívio da família, que permanece morando em Brasília.

Distando 80 km do município mais perto, a base da Serra do Cachimbo é outro ponto estratégico

no plano de preservação daquela área, que não é de selva, como erroneamente muitos jornalistas comentaram à época do acidente, mas com uma vegetação de cerrado. Para atender as necessidades de todos, foi construída uma hidroelétrica, que permite a manutenção do equipamento ininterruptamente.

Como não chega a utilizar 50% da energia produzida, a Base infelizmente não pode repassar esse excedente para beneficiar outras populações, pois as prefeituras das redondezas têm sérios problemas estruturais e a Aeronáutica não pode comercializar com quem não tenha registro oficial e documentação em perfeitas condições. Isso também vem impedindo que as licitações pretigiem o comércio local, quando têm que fazer alguma compra.

Os militares sempre procuraram demonstrar orgulho por estarem desenvolvendo projetos que colocam o Brasil no mesmo patamar dos países considerados do Primeiro Mundo. E, alguns vão mais além e garantem que o nosso sistema de controle do espaço aéreo através dos Cindactas é tão avançado que pode ser considerado superior ao existente em muitos desses países.

Depois dessa experiência, devo concordar com o escritor gaúcho, Carlos Nejar, imortal da ABL, que esteve presente nesta viagem de pesquisa, quando afirmou que *acabara de conhecer um Brasil escondido aos olhos de todos, e que essa era a infância do futuro da Nação.*

Para homenagear o trabalho silencioso que vem sendo desenvolvido na Região Amazônica, vale aqui lembrar uma citação do britânico Winston Churchill, quando disse que nunca tantos deveram tanto a tão poucos.

VIAGEM À AMAZÔNIA

TCel CD Aer Jesse Ribeiro da Silva

Membro do Grupo de Estudos

Durante tres dias sobrevoamos a Amazônia em 2 aeronaves com os alunos do Segundo Curso do Pensamento Brasileiro.

Partindo do Rio e Brasília, pousamos em Sinop (MT) e a seguir, Porto Velho,(pernoite). No dia seguinte decolamos para São Gabriel da Cahoeira, ...Iauaretê (Uapés), Cabeça do Cachorro... ...Manaus... Serra do Cachimbo...

Nesse memorável voo, ao avaliar a imensidão do verde, florestas e rios, observando aqui e ali as agressões sofridas pelos devastadores irresponsáveis anti-patriotas, aproveitadores inconsequentes que somente visam aos seus interesses escusos em detrimento do bem estar comum e do meio-ambiente, pudemos sentir o entusiasmo de brasileiros, civis e militares, doutores, mestres, imortais,(Prof Carlos Nejar, poeta, escritor e membro da ABL), que pela vez primeira pisaram naquele solo.

Ao conhecerem os abnegados irmãos que habitam aquelas plagas, superando sazonalidades inóspitas,escassez de recursos, somente supridos pelos nossos aviões e eventualmente por vias fluviais, com viagens de meses de duração, sujeitas a eventuais intercorrências, ainda assim ,sem perderem o entu-

siasmo e mantendo-se firmes na missão.

Nossos companheiros de jornada choraram de emoção. Não imaginavam ver esses heróis brasileiros, brancos e índios vestindo o mesmo uniforme. pintados como que preparados para a guerra, eventualidades que fazem parte do seu adestramento, eis que cercados de vizinhos não confiáveis, que diuturnamente tentam investir em nossas riquíssimas reservas minerais, nossa biodiversidade....

Lembramos nosso insígne Mestre, Prof. Francisco que impossibilitado de ir sempre afirma: "sabe mais quem mais viu".

Para não tornar a viagem cansativa nossos bravos chefes, Ten. Brigadeiro do Ar Burnier e seu staff nos proporcionaram surpresas memoráveis como pilotar simuladores, de voo noturno de Helicóptero de grande porte, recepções calorosas com os efetivos das OM que nos receberam, alimentação quente a bordo, coquetéis, jantar de gala na residência do Maj Brig Carminnatti (MN), visita e palestra nas instalações de primeiro mundo do Cindacta IV (Brig.do Ar Camdez).

Urge enfatizar o trabalho gigantesco dos nossos companheiros da COMARA, superando o impossível para dotar aqueles lugares da infraestrura indispensável a receber equipamentos de alta tonelagem e volumes enormes de insumos, sem os quais nada seria construído. Estamos nos referindo a pistas de pouso e edificações aeroportuárias, radares móveis.etc.

Se tivesse que descrever tudo o que aconteceu, necessitaria de, no mínimo, umas 30 páginas e trocen-

tas fotos e vídeos, mas como todos os participantes estão fazendo relatórios e tivemos uma equipe com a finalidade precípua de documentar com “ferramentas” de alta performance, penso ter resumido em poucas linhas esta Missão, que se pudesse exprimir em uma palavra diria: “OUTSTANDING”, sob todos os aspectos.

SER BRASILEIRO

Paula Fernandes

1 - O QUE É SER BRASILEIRO?

Foi-nos pedido que definisse o SER BRASILEIRO. Um pouco assustada com tal tarefa, nos deslocamos à Região Norte. Meu primeiro pensamento foi que vislumbrando, através dos olhos de meu marido, por 40 anos, que o lugar mais lindo da Amazônia era UAUPÉS, finalmente, tinha chegado a minha vez de confirmar essa beleza; mas “o homem do tempo” não nos deu chance. Era do ônibus p/ o avião, ou de avião para avião. E assim foi!

2 - QUAL A BASE DA FORMAÇÃO CULTURAL?

Lá fomos nós nos inteirando das atividades das Organizações militares - destacamentos e sítios, sempre muito bem explicadas pelos seus comandantes.

Em Sinop / Mato Grosso, a primeira surpresa: fomos apresentados à parte externa do radar local. Seu tamanho e funcionamento impressionavam. Outro radar estava sendo implantado, dando-nos a idéia da prosperidade que está chegando. Chamou a atenção o pequeno contingente do sítio - somente 7 militares, que se desdobraram em atenções com a nossa comitiva.

Em Porto Velho/ Rondônia, tivemos a oportunidade conhecer as principais instalações da Base Aérea.

Assistimos ao funcionamento do simulador de vôo da aeronave T-29, assim como fomos apresentados ao poderoso e impressionante helicóptero AH-2, de fabricação russa. A partir daquele momento me dei conta da verdadeira missão daqueles militares, empenhados em patrulhar o espaço aéreo nacional e defender a soberania do nosso país.

Em Iuauaretê, localidade bem próxima da fronteira do Brasil com a Colômbia, também conhecida como "A Cabeça do Cachorro", tivemos a oportunidade de assistir a palestra dos oficiais da COMARA - Comissão de Aeroportos da Região Amazônica -, sobre as difíceis e complexas construções que vêm sendo realizada há anos, para a integração aérea daquela imensa região ao restante do Brasil.

Em Manaus, foi-nos mostrado o funcionamento dos CINDACTAS em tempo real, cobrindo todo o território brasileiro; foi maravilhoso. Nunca me senti tão segura. Percebi o avanço tecnológico dos aparelhos e a eficiência dos militares e civis, utilizando os equipamentos, para eles tão familiares e para mim tão deslumbrantes. Assistimos pessoas vindas dos mais distantes rincões do Brasil, trabalhando com imensa e surpreendente satisfação estampada no semblante.

Da mesma forma, na Base Aérea de Manaus, também assistimos a uma eficiente demonstração de operações aéreas, utilizando a aeronave F-5 - empregada na interceptação de aviões suspeitos, e o desembarque de tropas pára-quedistas, utilizando o avião C-105 e o helicóptero Black-Hawk.

3 - QUAL O CONCEITO DA NAÇÃO?

Correndo” para São Gabriel da Cachoeira, porque já estávamos quase voando como pássaros, chegamos em UAUPÉS e a minha expectativa de conhecer o lugar mais bonito da Amazônia se reacendeu, mas não foi concretizada, porque o tempo disponível para visitas era escasso. Feitas as apresentações do efetivo local, fomos direto para IAUARETÊ, onde também fomos muito bem recebidos. Lá conhecemos o trabalho maravilhoso executado pelo destacamento local do Exército Brasileiro e assistimos à apresentação do efetivo, composto, na sua maioria, de índios fardados e de rostos pintados para a guerra. Contraste? Não! Ali, eles cantaram com tanta bravura a CANÇÃO DA SELVA e o Hino Nacional, que todos, sem exceção, chegaram as lágrimas.

Os rapazes e as suas jovens esposas, alguns índios, outros gaúchos, mato-grossenses, cariocas, potiguás e dos mais variados locais do Brasil, demonstravam confiança irrestrita à Força Aérea Brasileira. Isso porque, os aviões da FAB ajudam a abastecer aquele destacamento.

Como em sua canção, se preciso for, eles defendem as nossas fronteiras até as últimas conseqüências, demonstrando assim o que é CONCEITO DE NAÇÃO, independentemente do local que estejam.

Se as demais pessoas, fora da Região Amazônica, se sentem empobrecidas estão muito enganadas. Os habitantes da fronteira não possuem nada. Aquela gente precisa muito da ajuda de todas as demais

regiões do país.

4 - QUAL A SUA CRENÇA?

A minha crença sofreu uma grande alteração e ficou tão fortalecida que, ao lembrar tudo o que vi nesses 3 dias (e o que não vi!!), chego a conclusão que nós todos somos o PENSAMENTO BRASILEIRO quando não damos espaço a esses políticos que se acham muito importantes e nada fazem, a não ser, em proveito próprio.

Fico com o meu antigo "NORTE" fortalecido mais do que nunca, modificando ainda mais o que posso fazer ao meu redor, relembro tudo o que vi e orando muito por todos os homens de bem. Enfim, agradeço essa oportunidade tão enriquecedora.

A Amazônia é Brasil. Ela é nossa. A AMAZONIA também é YAUARETÊ.

SELVA!!!!!!!!!!

GRUPO DE ESTUDOS

CMG AvN Paulo de Paula Mesiano

Membro do Grupo de Estudos

As observações que se seguem foram feitas na Viagem de Estudos à Amazônia, nos dias 3,4 e 5 de novembro, visitando e recebendo informações pertinentes em Brasília/DF, SINOP/MT, Porto Velho/RO, São Gabriel da Cachoeira/AM. Yauaretê/AM, Manaus/AM e Cachimbo/PA.

O Grupo de Estudos enfoca o Pensamento Brasileiro, e considera que o Pensamento nesse Nível é o Conjunto de Idéias do Povo Brasileiro, que na imensidão da Amazônia interagem com o meio ambiente e com a Missão de que estão imbuídos, os membros do Exército e da Força Aérea, que, apesar do sentimento de sua insignificância no seio da Sociedade e em especial do Estamento Militar a que pertencem, esses Militares são os gigantes da Brasilidade.

Há necessidade de me qualificar como Observador, sou Oficial de Marinha, Capitão-de-Mar-e-Guerra Ref^o, fui Comandante da Flotilha do Amazonas, cumulativamente com a Estação Naval do Rio Negro, conhecedor dos Problemas Operacionais e das dificuldades do Apoio Logístico.

O meu enfoque nas minhas observações foram em relação aos Princípio Fundamentais, da nossa Lei Magna, o grande Pacto Social da Sociedade Brasileira, que são a Soberania; a Cidadania; a Dignidade da Pessoa Humana; os Valores Sociais do Trabalho e da

Livre Iniciativa.

A Soberania em todos os locais visitados é exercido pela Autoridade Moral dos Militares. Nas várias áreas onde estão locados, são cultores da Lei e da Ordem e fazem valer sua autoridade, controlando o Espaço Aéreo, com vigilância diuturna, provida por extensa Rede de Radares e equipamentos de comunicações via satélite; acresce-se, a isso, a presença de Esquadrões de Helicópteros: o Poti em Porto Velho, dotado de He de Ataque AH-2; o Sabre e o Harpia em Manaus dotados de He Black Hawk. Tomamos conhecimento de Aviões de Interceptação, em alerta no Solo, em Manaus. Do instante do alarme até a decolagem do F-5 de prontidão, decorreram apenas 3 minutos e meio, o que é uma excelente resposta ao invasor desconhecido, que se aventurar a violar o nosso espaço aéreo. Essa Soberania é defendida por Aviões Super-tucanos A-29 em Porto Velho e por Aviões F-5 em São Gabriel da Cachoeira e Manaus.

A Cidadania, ou melhor, o Exercício da Cidadania, Servidores de Estado, que não têm hora nem descanso, mantendo a vigilância, o Controle e Domínio da Área que o País lhe atribui, tanto na Fronteira como nas cidades Interioranas, mais algumas surpresas nos gratificaram, por exemplo, na Cidade de SINOP com cerca de 140 mil habitantes encontramos duas Faculdades uma Federal e outra Estadual e duas Particulares, só se tem Soberania se ocuparmos a terra, só teremos exercício da Cidadania se tivermos cultura e isso se obtém Estudando.

A Dignidade da Pessoa Humana, verificamos pelo respeito à criança, ao adolescente e aos idosos, qual seja vimos no mais longínquo rincão que foi o Pelotão Especial de Fronteira, de Iauaretê, que os que lá estão acompanhados de seus Familiares e que as Esposas dos Oficiais e Sargentos, voluntariamente, sem nenhuma remuneração adicional, provêem Educação na Escola local, inclusive para os nativos, locais, incutindo-lhes Brasilidade, deve-se observar que chegam àquelas plagas não só o Radio a Televisão como a Internet, assim exiguidade de contato humano é compensado pelo contato virtual, portanto os que lá estão acompanham a vida nacional, e estão a par das boas e más coisas que acontecem no dia a dia do nosso País.

Os Valores Sociais do Trabalho e da Livre Iniciativa são representados pelo trabalho da COMARA e também pelo Trabalho Comunitário, com o plantio de Hortas e de Criação de Suínos e Galináceos, complementando o apoio logístico de Cereais, Óleos e outros itens alimentares não perecíveis.

Em Manaus tomamos conhecimento de que a Aviação do Futuro já começou; hoje é o Futuro, presente, é o conceito CNS/ATM em que é aplicada em escala tecnológica os Satélites, a Eletrônica Embarcada e os Sistemas informatizados, em que a sigla CNS/ATM significa: "C" Comunicação Aeronáutica; "N" Navegação Aérea e "S" de Surveillance, ou seja, a Vigilância. A sigla ATM significa Air Traffic Management, o Gerenciamento do Tráfego Aéreo e no CINDACTA IV (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo)

se constata que o Futuro é Hoje. Acreditamos que por uma oportunidade de Adestramento, o Avião que voávamos, C-99 da EMBRAER em três ocasiões fomos interceptados e se tivesse sido qualificado como Aeronave Hostil, não temos dúvidas que a FAB exerceria a sua Soberania e providenciaria as medidas cabíveis contra o intruso, de acordo com a "Lei do Abate".

De Manaus fomos a Cachimbo, uma Reserva Nacional Indígena sob a Custódia da Força Aérea que mantém nela o Centro de Provas Brigadeiro Veloso. Nessa área, quase do tamanho do Estado de Sergipe, a FAB faz não só as provas de desenvolvimento do Armamento Aéreo, como treina Equipagens para o Combate.

Não podemos deixar de Mencionar a maneira Fidalga com que o Comandante do COMAR VII recebeu a Comitiva do Grupo de Estudos do Departamento Cultural do Clube de Aeronáutica.

Concluindo: foi uma agradável constatação do Patriotismo e da Dedicção de todos da Amazônia com relação aos fundamentos da Lei Magna. Preservam a nossa Soberania, exercem a Cidadania, com Dignidade e Amor a essa terra em que nasceram, desde do mais simples Soldado, ao fazer reboar o seu Brado de Seelva, até o mais graduado Oficial General. Na minha opinião isso se deve à Política de Miscigenação conduzida, inicialmente, pelo Marquez de Pombal, que nos faz uma Etnia de Mestiços que congrega as Culturas Européia, Indígena e Africana, somos uma ETNIA Sui

Generis e Jovem que tem como Elemento formador o SER Brasileiro, Cordial, Alegre, Musical, Criativo, Empreendedor, único no Mundo. Quando da minha estada na Amazônia perguntava para os nativos o que eles eram, invariavelmente respondiam sou Brasileiro e isso se repetiu ao falar com um Soldado do Pelotão de Iauaretê que me disse sou Brasileiro, e a Etnia Tucana? Perguntei o que me respondeu isso é a minha origem como temos os Gaúchos, os Cearenses, e ao falar nesses Brasileiros estavam tão a vontade como se estivessem nos pampas ou na caatinga. Felizes, com seus Familiares, que nem pareciam estar no extremo Norte do Brasil e em plena Selva Amazônica.

Aprendi muito, vi coisas que só conhecia de Fotografias, e o principal tomei um revigorante banho de Patriotismo e de Civismo.

O QUE É SER BRASILEIRO?

Cel Av Roberto Antonio Perdiza

Ser Brasileiro é vibrar

Ser Brasileiro é sofrer

Ser Brasileiro é chorar

Ser Brasileiro é comemorar

Ser brasileiro é se emocionar

Ser Brasileiro é ser solidário, amigo

Ser Brasileiro é unir raças, crenças, povos sem preconceitos unidos por um ideal.

Ser Brasileiro é ter orgulho e paixão a essa terra abençoada, adorada.

Ser Brasileiro é acolher as cores da Bandeira Nacional independente de seu Estado Natal.

Ser Brasileiro é poder estufar o peito e bradar seu grito de guerra na selva como a tropa de militares na formatura em IAUARETÊ-AM.

Ser Brasileiro é ter seus rostos pintados nas cores da guerra na selva, com seus olhos brilhantes de audácia e honradez, suas bocas róseas entoando a plenos pulmões o Hino Nacional Brasileiro, Música de Francisco Manuel da Silva e Letra de Joaquim Osório Duque Estrada.

Ser Brasileiro é poder executar a obra na pista de IAUARETÊ-AM, pela COMARA com comprimento final de 2000x45 ms, consumindo mais de 200 mil sacos de

cimento que serão transportados por balsas nos Rios Negro e Uaupés durante cerca de 40 dias da fábrica de Manaus / Iauaretê.

Ser Brasileiro é a verificação e observação pelo Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro da evolução e desenvolvimento ocorridos no atual campo de Provas Brigadeiro Velloso desde o dia 03 de setembro de 1950, época do primeiro pouso naquela pista de grama, até os nossos dias, aonde foi construída uma pista de 2600x45 ms asfaltada em uma área maior que 21.500 km², equivalentes ao estado de Sergipe e Israel.

Ser Brasileiro foi poder ter assistido emocionado às exposições dos Esquadrões Operacionais de Manaus, composto por Pára-quadistas, Aeronaves de asas rotativas, Transporte de Tropas, e o indelével F5M de Interceptação Aérea, assim como ao Discurso de Agradecimento pronunciado pelo Imortal professor Carlos Nejar da Academia Brasileira de Letras, propiciando um magnífico exemplo de Civismo e Amor à Pátria Brasileira.

Ser Brasileiro é poder ter orgulho e honra em ter participado desta Viagem de Estudos à Amazônia pelo Clube da Aeronáutica no período de 03/05/2011, onde pude emocionar-me inúmeras vezes ao ponto de chorar pelo alto grau de Civismo e Brasilidade tanto de índios, como de civis e militares das Forças Armadas Brasileiras.

Ser Brasileiro é poder sentir-se extremamente feliz, com paz espiritual e muito amor no coração em ser Comandado pelo Exmo Sr. Ten. Brig. do Ar Car-

los de Almeida Baptista, atual Presidente do Clube de Aeronáutica, tendo como Chefe do Departamento Cultural o Ilmo Sr. Cel. Av. Araken Hipólito da Costa, em companhia de ilustres civis e militares do Grupo de Estudos e fazer parte integrante dos alunos do II Curso de Pensamento Brasileiro.

VIAGEM À AMAZÔNIA

Valdineia Veiga de Oliveira Miranda

Professora

O Curso do Pensamento Brasileiro II nos proporcionou, ao longo deste ano, diversos tipos de estudos. Estudamos História das Civilizações, da Colonização Brasileira, do povoamento do Brasil, das principais Guerras... Algumas abordagens partiam do contexto mundial para alcançar o contexto particular, o Brasil. Mas pensar sobre o Brasil a partir da viagem realizada pelo Grupo de Estudos a algumas regiões da Amazônia nos permitiu ainda outras reflexões.

Adentrar naquela imensidão, contemplar sua beleza e conhecer recônditos interiores faria suspirar até mesmo o grande escritor viajante Guimarães Rosa. "O sertão não tem fim. Sertão está dentro da gente". De acordo com as acepções atribuídas ao vocábulo, sertão não diz respeito somente ao território árido do Nordeste Brasileiro, mas a qualquer região afastada dos núcleos urbanos. Sertão é o interior do país. O que permite parafrasear Guimarães Rosa: o Brasil está dentro da gente. Está dentro de cada mineiro, carioca, gaúcho, paulista, cearense... encontrado nas unidades visitadas: com diferentes feições, sotaques, culinárias, culturas. Brasileiros sim, orgulhosos do trabalho que desempenham. (E como nos orgulhamos de conhecê-los...)

Orgulho – palavra resgata, assim como o sen-

timento, também nos acompanhou durante a viagem. Sentimos orgulho pelo trabalho desempenhado pelas Forças Armadas Brasileiras materializado pelo Exército Brasileiro, no pelotão de fronteira de Yauaretê e pela Força Aérea Brasileira, na integração do território e pelo controle do espaço aéreo. São muitos os esforços para proteger e defender a Amazônia, garantir a soberania do nosso país, preservar a cultura local, manter a unidade da língua, promover a integração nacional. Contudo, falar sobre o trabalho dos militares para militares é fácil. É redundante para o meio. Necessário se faz que se propague seus feitos, seus valores e seus lemas, que sintetizam seus pontos de vista sobre o que é ser brasileiro:

- A Amazônia é nossa!
- Tudo pela Amazônia!
- Mas, se defendendo essa Brasileira Amazônia, tivermos que perecer Oh Deus! Que o façamos com dignidade!
- Tudo aqui recebemos, nós aqui deixamos.
- A selva nos une
- Brasil acima de tudo!
- Selva! (Ah, só o brado de selva mereceria um estudo semântico à parte...)

Sobre o trabalho desempenhado pela Força Aérea, outra obra veio à memória. O livro *O Rio Comanda a Vida* __ do escritor Leandro Tocantins __ considerado um clássico entre os trabalhos sobre a Região Amazônica. Na medida que “a selva nos une”; o rio nos separa.

Observamos o grande desafio daqueles militares, pois o rio representa uma das mais poderosas forças do meio e domina a vida, que ainda nesta época de revolução tecnológica, é marcada profundamente pelos fatores geográficos. Ali, todo o trabalho de transporte de carga é regulado pelos períodos de cheia e de seca do Rio Amazonas e seus afluentes.

Tanto a obra *— Grande Sertão: veredas* de João Guimarães Rosa quanto o *Rio Comanda a Vida* de Leandro Tocantins procuram desvendar alguns dos sertões do Brasil. Se fizermos outras viagens para outros interiores de outras regiões, vamos nos espantar e nos encantar pelo que ainda há por descobrir. Mas a do Grupo de Estudo do Curso Pensamento Brasileiro à Amazônia encerrou vários roteiros de viagens: viagem sentimental, no tempo da história e da memória, viagem filosófica, nos percursos vividos e imaginados das ideias. E, ao final da jornada, a constatação de que o pensamento brasileiro está, sobretudo, no sentimento de ser brasileiro.

RELATO DE MISSÃO DE BUSCA

Ten Cel Int Waldyr Rodrigues

Preliminarmente, gostaríamos de esclarecer que este trabalho não é uma obra de ficção, e que qualquer semelhança com fatos e pessoas aqui mencionados não se trata de coincidência, mas de uma realidade fulgente, plena de brasilidade, que poucos, dentre estes nos incluímos, tiveram a bem-aventurança de conhecê-la e vivenciá-la, embora por pouco tempo, mas o suficiente para terem a alma envolvida por um inflamante orgulho de serem compatriotas de seus protagonistas.

Isto posto, passemos aos fatos.

Um seletto grupo, de dedicados estudiosos, precisava formar um diagnóstico sobre o que seria, foi e é o Pensamento Brasileiro. Para tanto, percorreram várias vias e correntes do conhecimento humano, sob orientação de verdadeiros expoentes do saber, que se prontificaram a transmitir esses conhecimentos e, até mesmo a debater os questionamentos surgidos, por mais polêmicos que fossem. Assim sendo, foram visitadas ciências como Filosofia, Metafísica, História, Geopolítica, Antropologia, Teologia e artes como Música. Poesia, Teatro e Literatura.

De posse de todo esse conteúdo, o grupo, cuja insaciabilidade de saber já se faz notória, pôs-se, literalmente, a voar, com as asas do invento de um

outro grande sonhador brasileiro, de prenome Alberto. Enveredou-se floresta a dentro, numa bem organizada pesquisa de campo, atravessando a linha do Equador, chegando, por fim, a uma das mais distantes e recônditas localidades do território nacional, numa incansável missão de busca pelo que é ser brasileiro. Eis o que seus componentes viram durante essa verdadeira peregrinação:

- A primeira escala, após o D.F., foi num município, cujo nome intrigou a todos, pois parecia sigla de empresa (SINOP), e o foi. Segundo esclarecimentos obtidos, esta era a sigla da antiga sigla da Sociedade Imobiliária do Norte do Paraná, empresa encarregada, pelo Governo Federal, de efetuar vendas de terras, com facilidades de financiamento de maquinário e demais insumos para agricultores daquele estado, que ali pretendessem se estabelecer, há três décadas atrás, com o objetivo único de envidar atividades agrícolas na região. O empreendimento deu certo, pois os sinais de progresso são nitidamente visíveis aos olhos dos visitantes mais exigentes. Observa-se, já na chegada, o cuidado com o solo, tanto com o destinado à agricultura, quanto com a vegetação nativa, bem preservada. Não há sinais de devastação.

Pois bem, dentro deste cenário, ecologicamente perfeito e correto, situa-se o Destacamento de Controle de Espaço Aéreo de SINOP (DTCEA-Si), onde labutam apenas sete militares, com a missão de manter a operacionalidade do conjunto de equipamentos ali instalados, fundamentais ao controle do espaço aéreo

brasileiro. Todos técnicos, altamente qualificados, que têm plena noção da importância do seu trabalho e dele falam com orgulho, num exemplo de total dedicação, sem percepção de quaisquer vantagens financeiras extras. Pelo que deixaram transparecer, consideram-se sobejamente gratificados pela consciência do dever cumprido.

Fruto de um aprimoramento constante, é o que se depreende da observação do trabalho daqueles abnegados companheiros, que demonstram todo o seu credo naquilo que fazem, proporcionando a nosoutros, vindos de distantes paragens, uma lição de brasilidade tão incomum nos dias de hoje. Nossos estudiosos de lá partiram, vivamente impressionados com o que viram.

- A escala seguinte ocorreu em Porto Velho, capital do estado de Rondônia. O nome do estado é uma justa homenagem ao pioneiro e desbravador Marechal Cândido Rondon, grande responsável pela interiorização do país. Na Base Aérea de Porto Velho, também pode-se notar o elevado nível de comprometimento dos militares lotados em seu efetivo e no das Unidades Aéreas nela sediadas, com a defesa do espaço aéreo brasileiro, contra incursões indesejáveis e criminosas.

- E a busca continuou, no dia seguinte, com a chegada a São Gabriel da Cachoeira, onde um pequeno efetivo - aproximadamente 60 pessoas - comandado por uma Oficial do Corpo Feminino, se desdobra para manter o Destacamento local sempre pronto para re-

ceber e apoiar unidades aéreas, em operações as mais diversas. É um desafio constante para quem vive e trabalha numa região tão inóspita e longínqua. E eles têm consciência disso, mas demonstraram, claramente, que as dificuldades não os impedem e nem impedirão de atingirem seus objetivos.

- A seguir, foi atingido o ponto mais alto da busca. No extremo noroeste do Brasil, está localizado o distrito de Yauaretê, junto à fronteira com a Colômbia. Lá foram alcançados altos índices de emoção. Primeiro, no Pelotão de Fronteira, do Exército Brasileiro, houve uma formatura, com canto do Hino Nacional, declamação da Oração do Guerreiro e desfile da tropa. Tudo muito vibrante, com o efetivo usando pintura de guerra dos guerreiros tucanos, etnia predominante na região. Lá, parte do efetivo de soldados é recrutada nas aldeias indígenas locais e treinada em Manaus, retornando, após o treinamento, para atuar na defesa de nossas fronteiras.

Os oficiais e graduados são provenientes de todos os cantos do país, levando para a região seus familiares, onde as esposas desenvolvem intenso trabalho social, atuando, como professoras, na educação das crianças indígenas e das suas próprias. A preocupação, nesse trabalho, é fazer com que os índios se familiarizem com a nossa cultura, sem, no entanto, deixarem de lado suas próprias convicções e seus costumes. Pautam suas atitudes na tríade: Família (Vida), Combate e Trabalho.

- Vizinho ao Pelotão, está instalado o Canteiro

de Obras da COMARA (Comissão de Aeroportos da Região Amazônica), que atualmente realiza obras de ampliação da pista de pouso local. Este é mais um desafio que mais brasileiros enfrentam a cada dia, com audácia e galhardia. Além de tecnologia, é necessária uma grande capacidade criativa, para desenvolver uma logística eficiente, capaz de suprir o Canteiro com os insumos necessários ao cumprimento do cronograma de obras. Para a consecução de objetivos, é necessário até o monitoramento de cheias e vazantes dos rios, bem como a fabricação e operação das próprias balsas, para transporte de material de construção e equipamentos. Aqui foram observados competência e dinamismo.

- Uma demonstração de extrema competência, também, o grupo presenciou, mais tarde, quando da visita ao CINDACTA IV, em Manaus, onde homens e mulheres mantêm operantes, durante ininterruptas 24 horas, equipes e equipamentos para cumprimento de missão tão relevante: o controle do tráfego aéreo.

- Ainda em Manaus, desta vez na Base Aérea, já no último dia da missão, bem cedo, mais vibração, com demonstrações de adestramento de tropas, com operações de embarque e desembarque em aeronave de transporte, em helicóptero, com descida em rapel e paraquedismo.

- Criatividade, competência e abnegação puderam ser observadas no trabalho do efetivo do Campo de Provas Brigadeiro Veloso, em Cachimbo, onde além de manterem a segurança e a operacionalidade no

Campo, produzem sua própria energia elétrica, fazem o tratamento da água que consomem e do esgoto. A vigilância tem que ser constante, face à extensa área patrimonial, sob responsabilidade do CBPV.

Depois de percorrer mais de oito mil quilômetros, em quatorze horas voadas, percorrendo de sudeste a noroeste este imenso país, emocionar-se com o canto vibrante do Hino Nacional, com um certo sotaque indígena, voltou o grupo de estudiosos ao ponto de partida, tendo encontrado, na sua longa e gratificante busca, a certeza de que para ser brasileiro: é necessário, antes de tudo, amarmos profunda e intensamente esta terra, sem restrições e dedicarmo-nos, inteiramente ao seu engrandecimento e à manutenção da sua soberania, mesmo que isso custe a nossa própria vida.

Ser brasileiro é desfraldar mais alto, com orgulho e destemor, o Pavilhão Nacional!

VIAGEM DE ESTUDOS

Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes

Membro do Grupo de Estudos

Nos dia 3, 4 e 5 de novembro, como integrante do Grupo de Estudo sobre o Pensamento Brasileiro, participamos da viagem de fim do Curso que leva o mesmo nome do Grupo: "Pensamento Brasileiro".

Como sabemos, tudo começou há mais de oito anos, com a criação dos Grupos de Estudo, ainda na Administração do Ten.-Brig. Ivan Frota. Inicialmente, foram criados dois: um sobre Soberania e outro sobre o Pensamento Brasileiro. O primeiro concluiu os trabalhos com a apresentação do Relatório Final, já o segundo tornou-se permanente.

Outro fator importante para idealização do Curso, este decisivo, foi a feliz associação do Clube de Aeronáutica com a Academia Brasileira de Filosofia – ABF – que se tornou possível, a partir de um encontro casual do Chefe do Departamento Cultural, o nosso Coronel Araken Hipólito da Costa, com o Presidente daquela Instituição, o Prof. Dr. João Ricardo Moderno, em uma exposição de artes plásticas.

Graças à inestimável participação do também Prof. Dr. Francisco Martins de Souza, Vice-Presidente da ABF, os trabalhos do Grupo de Estudo começaram a dar os primeiros frutos, com um desprezioso Curso de Introdução ao Estudo da Filosofia, para pouco mais de

seis participantes inscritos. Seguiram-se outros sobre História da Filosofia e Filosofia Política, tendo sempre à frente o Prof. Francisco. E o número de alunos não parava de crescer.

Como a procura era grande, repetiram-se os cursos, e o Departamento Cultural editou um ensaio do Prof. Francisco sobre Introdução à Filosofia. Mas o projeto precisava evoluir e, assim, em dois anos sucessivos, com o ajuda do Instituto de Humanidades, foram administrados dois Cursos de Humanidades.

A essa altura, as idéias já estavam bem amadurecidas no Grupo e era imperativo voar mais alto. Mais uma vez, o Departamento Cultural ousou com muita propriedade ao criar um curso inteiramente novo sobre o Pensamento Brasileiro, com base na experiência acumulada com os estudos do Grupo e com os Cursos anteriormente ministrados. Paralelamente, editou um segundo ensaio, também do Prof. Francisco, intitulado "Pensamento Brasileiro – Uma Visada sobre o Culturalismo.

Nesse meio tempo, muita coisa mudou. A frequência aumentou muito, o auditório ficou lotado e o Presidente o Clube de Aeronáutica, o Ten.-Brig. Carlos de Almeida Baptista, percebeu a grandeza e a importância do fenômeno, que cresciam a cada dia, e dispôs-se a apoiá-lo de todas as formas possíveis, entre as quais, fazendo uma reforma total no auditório.

Nesse clima, iniciou-se, no começo do ano, o segundo Curso sobre o Pensamento Brasileiro, que agora termina.

Dois fatos relevantes marcaram essa conclusão:

- o lançamento de mais uma ensaio, o terceiro, "Pensamento Brasileiro – Uma Revoada de Idéias", desta vez, com textos escritos pelos integrantes do Grupo de Estudo;
- e a Viagem de Término de Curso à Região Amazônica.

Essa viagem inesquecível levou-nos a Brasília, Sinop, Porto Velho, São Gabriel da Cachoeira (para quem voou na Região por quase uma década como tenente e capitão, será sempre Uaupés), Yauaretê, Manaus e Cachimbo.

Teríamos muito o que falar sobre o que vimos em cada um desses lugares:

- A dedicação dos militares do Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Sinop, o vôo no simulador do A-29, o vôo noturno de helicóptero e o aconchegante coquetel no Bar dos Pilotos, na Base Aérea de Porto Velho;
- O trabalho abnegado do pessoal do Destacamento de Aeronáutica de São Gabriel da Cachoeira, a emocionante e linda formatura do Batalhão Especial de Fronteira de Yauaretê e a comovente convivência com os militares do Exército que o integram, suas esposas e seus filhos;
- O extraordinário legado da Comissão de Aeroportos da Região Amazônica, do qual vimos uma mostra no "Briefing" no Destacamento de Engenharia da COMARA, ainda em Yauaretê;
- A demonstração de eficiência e de domínio científico e tecnológico vista na visita às instalações do CINTACTA IV;

- A inesquecível demonstração aérea, com lançamento e resgate de tropa por helicóptero, pouso de assalto com desembarque de tropa, seguido de embarque e decolagem curta do avião; lançamento de pára-quedistas, artilharia Antiaérea e passagens baixas de aeronaves (F-5M Tiger, C-105 Amazonas, e UH-60H Black Hawk), na Base Aérea de Manaus;

- O delicioso jantar, com direito a primorosa apresentação artística folclórica, oferecido pelo Comandante do 7º Comando Aéreo Regional em sua residência, em Manaus;

- O heróico trabalho dos militares do Campo de Provas Brigadeiro Velloso, em Cachimbo, velados pela estátua do Brigadeiro que dá nome à Unidade, a afastar os inimigos de dedo em riste, cuja história está muito bem narrada no artigo "Ode aos Nossos Bronzes", do Escritor e Historiador Clarindo dos Santos, publicado na Revista Aeronáutica nº 228 (Jul-Ago/2001);

- As constantes manifestações de apreço e as informações precisas e esclarecedoras do Comandante-Geral de Operações Aéreas, o Ten.-Brig. Gilberto Antônio Saboya Burnier, sempre presente a todos os eventos;

- A interceptação da nossa aeronave C-145 por A-29 e F-5.

Todos esses fatos eternizados em nossas mentes, porquanto inesquecíveis, como já dito, merecem muito maior destaque, mas não vamos desenvolvê-los aqui, porque os participantes do Curso já o fizeram virtuosamente, com grande precisão, riquíssimos detalhes e rara emoção, o que ficou claro nas exposições que apresentaram

no dia 8 de novembro.

Assim, somente comentaremos a viagem em si.

Os militares da Aeronáutica sabem que ela seguiu o padrão das viagens de inspeção que as mais altas autoridades da Força fazem às Unidades sob seu comando. Participamos de muitas delas, quando servíamos no COMGAR, então, ainda, Comando-Geral do Ar e no Estado-Maior da Aeronáutica. Talvez para privilegiar a importante interação social proporcionado pelo contato direto dos escalões superiores com os que lhes eram dependentes, elas eram conhecidas como Visitas às Unidades Subordinadas. Os nomes podem ter mudado, mas o espírito, temos certeza, continua o mesmo.

Tudo o que descrevemos acima acontecia naquelas visitas, com a diferença de que, em vez de uma prestação de contas ao Comandante sobre os fatos administrativos e operacionais em curso, as exposições nos brindavam com as informações gerais sobre as atividades do setor visitado, com algumas incursões sobre as ações em desenvolvimento, que era o que, verdadeiramente, nos interessava.

O esforço e a persistência do Cel. Araken – potencializados pelo apoio decisivo do Brig. Baptista e pelo espírito empreendedor e solidário do Brig. Burnier, que souberam compreender a importância desse Curso para o Clube de Aeronáutica, para a Força Aérea Brasileira e para o Brasil – resultaram no encerramento das nossas atividades letivas com um presente que excedeu a todas as nossas expectativas.

Neste ponto, sentimos que não poderíamos ter-

minar este texto sem apresentar alguma sugestão que fosse útil para o futuro das nossas viagens.

Mas como propor mudanças, se a Aeronáutica já nos havia oferecido o que tem de melhor em termo de visitas e viagens? Ainda mais, se tudo funcionou conforme fora planejado, sem nenhuma falha, por pequena que fosse?

Diante desse impasse, concluiremos sugerindo apenas que esta tenha sido a primeira de uma série de viagens que se renovem a cada Curso.

Que, nos próximos anos, sejam visitadas outras áreas de Região Amazônica e outras Regiões do País, para que, com o correr do tempo, os nossos estagiários constituam uma massa crítica que detenha, coletivamente, todo o conhecimento de um Brasil até agora reservado a poucos, quase sempre militares.

Com esse conhecimento e com os outros apresentados pelos conferencistas, estaremos mais próximos de identificar o Pensamento Brasileiro, objetivo primeiro do Curso que hoje se encerra e dos outros que se seguirão.

UMA VISÃO DO SER BRASILEIRO

Cel Av Washington Amorim

A partir de algum tempo em minha vida, comecei a imaginar que gostaria de ser um pensador, filósofo, ou algo semelhante que me trouxesse a felicidade das buscas e descobertas.

Evidentemente, faltava-me, para atingir aquele propósito, um arcabouço de conhecimentos através da leitura que normalmente é adquirido ao longo de uma vida.

Quis o destino colocar-me entre os privilegiados para assistir o II Curso do Pensamento Brasileiro, ministrado no Clube de Aeronáutica por palestrantes do mais alto nível do conhecimento brasileiro em diversas áreas, tais como filosofia, cristianismo, poder naval durante o império, literatura, ópera, metafísica, democracia, apenas para citar algumas. Foi como estar admirando e bebendo a maravilha de conhecimentos que jorravam daquela cachoeira em minha direção.

Bem-aventurados os que ouviram a palavra do conhecimento, pois eles estarão mais próximos de conhecer a alma do brasileiro!

Ao final do curso, algumas perguntas feitas me fascinaram. Quem era o ser brasileiro? E a nação brasileira? Que imagem ela seria capaz de projetar entre o seio das nações?

Como eu poderia, sem um conhecimento antropológico e de sua alma, identificar as características marcantes desse ser brasileiro, sem que respondesse com uma visão distorcida, ou mesmo míope?

Como seria possível enquadrar, por exemplo, dentro dos mesmos parâmetros, seres tão distintos quanto o índio amazônida e o gaúcho dos pampas, sem tê-los conhecido em seu âmago?

Busquei dentro de mim algum embasamento que pudesse justificar qualquer resposta. Não que isso pudesse conferir algum valor, mas que eu pudesse acreditar que poderia ser uma justificativa plausível para minhas respostas.

Fiz valer-me, assim, de fatores que somente a sua explicação pode conferir algum respaldo.

O primeiro fator, do qual muito me orgulho, é ser um amazônida e com muitos familiares daquela região. Isto por si só reflete um pouco do que sei daquela região.

O segundo, com não menos orgulho, é ter sido aviador da Força Aérea, o que me proporcionou infinitos contatos com o ser brasileiro de todos os rincões do Brasil, incluindo aí residência no Sul e, por mais tempo ainda, no Nordeste. Morar no Rio de Janeiro há muitos anos apenas confere coerência na diversidade do meu olhar.

Um terceiro fator que muito contribui para o meu pretenso conhecimento do ser brasileiro é possuir dois genros estrangeiros, um francês e outro alemão, que me permite assim conhecer seus olhares distintos de

povos do exterior.

E, finalmente na mesma linha de raciocínio, trabalhei, durante o período da minha reserva, como agente no Brasil de empresas estrangeiras, o que contribuiu para saber, em algum grau, como somos vistos por gente de outras nações.

Feitas as preliminares, confesso que, já em algum tempo nos idos de 1990, quando servia no exterior, eu me perguntava qual era a imagem que o ser brasileiro poderia vender de si mesmo no exterior.

Não julgo que seja fácil responder.

Que semelhança de pensamentos e ideias poderia um valoroso tenente do nosso Exército Brasileiro servindo em Iauaretê ter com um jovem rico morador da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro?

Mais difícil ainda seria encontrar semelhanças entre um vibrante gaúcho da fronteira com um político de Brasília enredado nas teias da corrupção.

Ou ainda comparar os valores de um soldado índio daquele mesmo pelotão de fronteira da Amazônia com os de um carioca sem recursos, mas com praias e chopp à sua disposição, onde uma pelada e samba lhe trazem completa satisfação.

E, assim, poderíamos continuar a desfilar diferenças, que são tantas quanto a imensidão e diversidade das regiões do nosso Brasil.

Nem mesmo a língua única eu poderia considerar um fator que poderia projetar o nosso País. Lembro perfeitamente do exemplo das Filipinas, mencionado por um ilustre palestrante, em que sua língua original (Espanhol) foi

substituída por outra (Inglês) do novo país dominador.

Mas quem é esse ser brasileiro?

Certamente não é um ser contestador como o francês, até em pequenas coisas, imagine-se contra o alto nível de corrupção da nossa sociedade e políticos.

Certamente não é, em sua totalidade, um ser patriota como o norte-americano, a não ser pelo futebol.

Certamente não é um ser guerreiro como o afeição, indo o brasileiro às últimas consequências somente em último caso. Façamos a justa exceção aos gaúchos e nordestinos do interior, cabras machos sim senhor! Mas aqui me referia ao ser brasileiro como um todo.

Certamente não é um ser absolutamente trabalhador e perseverante em todos os níveis como o alemão e o japonês, dada a indolência que encontramos em várias regiões do Brasil.

Diz uma importante noção de autoanálise em marketing que deve-se valorar sua Força (S), minimizar sua Fraqueza (W), aproveitar as Oportunidades (O) e diminuir suas Ameaças (T).

Nesse sentido, a minha percepção do ser brasileiro, aquela que também tem sido observada por olhos estrangeiros, é a do ser tolerante, cordial, generoso, alegre, com alto grau de afetividade e sempre disposto ao diálogo.

E se isso é o que somos, isso é o que deve ser vendido. Somos o país da felicidade.

Em que outro país, árabes e judeus convivem em

harmonia tal como na SAARA no Rio de Janeiro. Em que outro país, imigrantes incorporam-se à nossa cultura, fazendo parte do nosso povo, ainda que mantenham suas tradições, até para nosso deleite?

Nós não precisamos ser como americanos, franceses, afegãos, alemães e japoneses. Precisamos, sim, aprender com eles suas boas lições para, junto com os valores do nosso tenente de Iauaretê, construirmos uma Nação melhor e mais forte que dê suporte aos valores que desejamos projetar.

Fazendo-se as devidas ressalvas sobre as diferenças, e abstraindo-se características não aplicáveis dos outros povos, estamos mais próximos de atingir a felicidade do que de ir até a lua.

Isso tudo, graças à miscigenação das raças e à musicalidade dos nossos ancestrais negros africanos e índios, somada àquela dos alegres imigrantes que aportaram ao país da tropicalidade!

MEU PENSAR BRASILEIRO

Norma Mallet Braga

Professora de Educação Artística

Pelas andanças neste mundo, retive, na memória, os rastros que os homens vão deixando em sua ânsia de respostas e necessidade de adaptação.

Inegavelmente criaram megalópoles, obras de arte e engenharia de técnicas avançadas, isso nos faz pensar que Deus colocou o homem como seu beneficiário maior.

Após observar a Amazônia, pisando pedacinhos de seu solo, estou perplexa e me questiono... Quando rezo o "Pai Nosso que estais no céu... Venha a nós o vosso reino...", penso:

- quem nunca esteve na Amazônia acredita que o Pai nosso mora no céu, mas eu, que estive lá, acredito que a Amazônia seja mais do que o pulmão do planeta, ela é o coração de Deus.

Jerusalém é a cidade Santa para seus filhos, mas a Amazônia é o "Jardim do Pai" aqui na terra; por isso mandou seus anjos da guarda (homens e mulheres maravilhosos) para cuidar, preservar e reverenciar o seu Santuário Terrestre. Incluo nesses anjos as pessoas da Aviação Brasileira que com devoção, amor e empenho trabalham em defesa de nosso magnífico território.

Meus sinceros agradecimentos extensivos a todos que com sua generosidade proporcionaram ao nosso grupo uma nova razão de orgulho pelo Brasil e sua gente.

CURSO DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Teruo Ono

Piloto de Linha Aérea

Criado pelo Departamento Cultural de Aeronáutica e seus 21 membros pesquisadores, do grupo de estudos com objetivos de; Estudar temas de interesse Nacional, da família aeronáutica; proporcionar aos associados do Clube de Aeronáutica e aos membros de diversos segmentos da sociedade do país um aprofundamento contínuo na área do conhecimento, para aproveitar a experiência e o saber acumulado ao longo da vida; e Divulgar o ideário do Clube de Aeronáutica à sociedade, com a finalidade de tornar público o pensamento elaborado como resultado do estudo dirigido contribuindo para a integração e o desenvolvimento da Nação Brasileira.

A partir de Marquês de Pombal, Miguel Reale, Tobias Barreto, o Prof. Dr. Francisco de Souza, fundamenta o saber científico nas novas terras brasileiras sedimentando a unidade do território nacional, indissolúvel da nossa extensão continental, solidificada na unidade da língua Portuguesa, a miscigenação racial, amalgamada em diversos povos e credos, defendendo os princípios do liberalismo econômico e político, o direito à propriedade, elemento definidor da liberdade, na Democracia, e a nossa constituição de 1988.

Como complemento das aulas didáticas do curso

do pensamento brasileiro, patrocinados pelo Clube de Aeronáutica, sendo o presidente, Ten Brigadeiro Ar Carlos de Almeida Baptista e o diretor cultural, Cel Av e artista plástico Araken Hipólito da Costa, concluímos uma viagem de estudo, às cidades de Brasília-DF, Sinop-MT, Porto Velho-RO, São Gabriel da Cachoeira-MA, Yauaretê-MA, Manaus-MA, Cachimbo-PA, Brasília-DF e retornando ao Rio de Janeiro-RJ.

Em Brasília, embarcou o Ten Brigadeiro Ar Burnier, Comandante de toda região amazônica, onde a pioneira Força Aérea realizou o maior projeto, o SIPAM/SIVAM, verdadeiros marcos da interiorização, usando a moderna tecnologia na região Amazônica, que estava sendo invadido por bandidos, por estrangeiros, que a longo tempo, vagam pela Floresta, pesquisam, extraem minerais e vegetais, catequizam indígenas, e fazem o contrabando de cocaína e outras drogas, tanto via terrestre ou via aérea, a Força Aérea em conjunto com a Embraer ao longo da implantação do SIVAM, lançou o projeto da fabricação do A-29 (Super Tucano) aeronave de concepção nacional, avião leve de ataque, de alta tecnologia. Além disso, a Força Aérea adquiriu helicópteros, de ataque Mil Mi-35M de fabricação russa.

Em Sinop-MT, tivemos a oportunidade de conhecer uma das várias antenas de radar do SIVAM/SIPAM, na região amazônica, no controle do tráfego aéreo monitorado de Brasília. O sistema opera ininterruptamente (24h), possui dois geradores de energia em stand by, e um outro de baterias de corrente contínua, todas ligadas em série, e ainda existe um outro sistema na

própria antena que seria o quinto recurso, todas independentes uma das outras, entram automaticamente em caso de falha.

Chegando na Base Aérea de Porto Velho-RO, de responsabilidade do CINDACTA IV (Quarto Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo) onde estão as aeronaves A29 Super Tucano bem como seu simulador, de última geração com projeção panorâmica, visual, colorido tri-dimensional, simulando com perfeição, para o piloto um voo nos três eixos. O helicóptero AH-2 Sabre (MI-35) de fabricação Russa. Esta categoria de aeronave passou a ser considerada não apenas pelo seu papel extremamente eficaz na operação de forças blindadas inimigas, interdição em campo de batalha e outras ações como missão SAR, de combate de resgate, possui sistema integrado de (FLIR) Visão Noturna por infravermelho, head-up display (UHD), visor ao nível dos olhos, cockpit digital com mostradores multifuncionais e cristal líquido colorido sistema de navegação por satélite (GPS), americano, bem como o sistema de navegação por satélite russo, possui canhão duplo GSH-23 de 23 mm e até 16 mísseis radio controlados 9M114 operados a partir do sistema de mira OPS2N, com capacidade noturna, entre outras.

No dia seguinte, voamos para São Gabriel da Cachoeira-AM, visitamos as instalações DESTAE-SG. Em seguida embarcamos na aeronave CASA (C-105) (aeronave recém adquirida pela Força Aérea em substituição ao antigo Búfalo). Com destino a Iauaretê-AM,

que faz fronteira com a Colômbia e também, uma visita ao Pelotão Especial de Fronteira, em formatura militar; ouvimos a emocionante canção dos guerreiros da selva, e cantamos o Hino Nacional, momento de muita emoção, de fé e amor à nossa Pátria Amada, Brasil. Sobre os militares que ali servem com suas esposas e filhos, muitas das esposas são, também oficiais médicas, enfermeiras e professoras do destacamento; portanto, é uma família que dedica 24h do dia à Pátria. Merecem o nosso mais alto respeito e admiração.

O atual aeroporto de Iauaretê, sua pista está sendo ampliada de seus atuais 1.600m para 2.000m, pela COMARA (Comissão de Aeroportos da Região Amazônica), localizado dentro da reserva indígena Alto Rio Negro no ponto extremo noroeste da Amazônia brasileira, possui um alto índice pluviométrico, prejudicando a sua terraplanagem; o grande volume material chega via Rio Negro e Uaupes, por balsas sendo que em dois pontos existem restrições no período de dezembro a março, obrigando transbordo de carga, assim uma carga que sai de Manaus para Iauaretê leva 40 dias.

Chegando em Manaus, no aeroporto Eduardo Gomes-AM, visitamos o CINDACTA IV (Quarto Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo), verdadeiro cérebro das operações. O Brasil não possui nenhuma área descoberta na sua imensa área territorial, não há mais o "buraco negro", todos os CINDACTA estão integrados. Trata-se do CNSATM (Communication Navigation Surveillance Air Traffic Management), foi um ambicioso projeto iniciado na década de

1990 para, vigiar toda e qualquer aeronave que poderá ser detectada, interceptada, monitorada, fornecendo informação de voo, navegação meteorológica busca e salvamento, e até abate tratando-se de aeronave inimiga ou suspeita.

Na Base Aérea de Manaus Ponta Pelada, assistimos a uma demonstração de eficiência: uma aeronave de caça F-5 decolou em aproximadamente 3 minutos após o alarme de emergência para uma missão, uma outra foi a de desembarque de tropa na selva, sem área de pouso, bem como resgate da tropa efetuada pelo Helicóptero Sikorsky H-60L, o Black Hawk.

O salto de precisão por tropas de elite a 10.000 pés da aeronave C-105 Casa foi muito emocionante, pois o comandante da tropa empunhando a bandeira do Brasil, pousou em solo e, em formatura, entregou-o para o nosso comandante, Ten Brig Ar Burnier. Em seguida houve rasantes sobre a pista das aeronaves F-5, C-105, Brasília e H60L.

Decolamos para Cachimbo CPV-PA, Campo de Provas Brigadeiro Velloso.

Trata-se de uma área de 21.588,42km², quase igual ao estado do Sergipe, e área de Israel, subordinada ao comando geral de operações aéreas, por meio do VI comando aéreo regional. Possui uma usina hidrelétrica de 37,5KVA a primeira instalada na Amazônia mantida pela CPBV.

As atribuições do Campo de Provas, são o planejamento, a coordenação e o controle das atividades técnicas-operacionais, quando compatível, e de apoio

necessários à execução de ensaios, testes, experimentos e exercícios táticos de interesse do Comando da Aeronáutica; apoio logístico às unidades aéreas em operação na área; a preparação e a qualificação do pessoal técnico e de apoio, bem como a sua atualização e o treinamento necessário ao cumprimento de suas missões; a execução de ensaios, testes e experimentos de interesse do Comando da Aeronáutica; a manutenção da integridade da área jurisdicionada ao Comando da Aeronáutica sob responsabilidade do CPBV, através do planejamento e da adoção das medidas necessárias à preservação do domínio do Comando da Aeronáutica sobre toda sua extensão.

Registro aqui que tudo que vi e observei foi os verdadeiros homens e mulheres brasileiros que se dedicam a seu país com amor, dedicação patriotismo, fé, com sacrifício, são os verdadeiros heróis, desconhecidos da população, merecem todo o nosso respeito e grande admiração. SELVA!!!!

Retornamos ao Rio de Janeiro via Brasília.

O Pensamento brasileiro, como ensina o mestre Dr. Francisco Martins de Souza, está fundamentado no Culturalismo por Tobias Barreto, fundador do movimento de idéias, inicialmente poéticas, e logo depois filosófica e jurídica, como conta Clovis Bevilacqua; já dizia Tobias Barreto: Tem que se compreender o homem primeiro, na sua história, para depois verificar os outros problemas. Assim, o problema da cultura como vasto domínio a ser desbravado a partir dos fundamentos, assim como dominós da filosofia e do direito, pode, afinal, prestar melhor serviço à evolução

do pensamento brasileiro.

Observar e conduzir, por liderança, a consolidação plena da democracia, a valorização da competência, da responsabilidade, da justiça e da honestidade no trato da coisa pública.

Exercer a plena cidadania, combatendo o absolutismo do poder político o nepotismo, a corrupção, a impunidade, a desonestidade, a irresponsabilidade com o dinheiro público. INVIOLÁVEL O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO!!!

O QUE É SER BRASILEIRO?

Paulino Lemes de Sousa Cardoso

Chefe do Arquivo da ABL

Durante o Curso do Pensamento Brasileiro falou-se muito do que se poderia entender por brasilidade, à guisa de traçar o perfil do cidadão brasileiro. Essas palestras abordaram vários aspectos da cultura e da sociedade e foram apresentadas por filósofos, professores, militares, economistas, músicos, poetas e até acadêmicos. Com efeito, foi-nos apresentado um pouco da infinidade de conceitos relativos ao tema. O que, enfim, foi uma tentativa do que se poderia caracterizar o pensamento e a cultura do povo brasileiro, ou seja, o seu perfil, multicultural e multifacetado. Roquette-Pinto, em vão, tentou descrever e criar a imagem física e cultural deste povo, o que em outros países parece ser tarefa bem mais fácil.

Pelo muito do que foi dito pelos brilhantes palestrantes, cada um em sua área de atuação e formação cultural, e pelo muito também que pudemos presenciar durante a recente viagem de estudos, posso afirmar que ser brasileiro é mais do que Euclides da Cunha, em suas palavras, disse do sertanejo quando escreveu "o nordestino é, antes de tudo, um ser forte". É o povo que permanece feliz nas adversidades, amigo nas dificuldades, sempre simpático e acolhedor. O Brigadeiro Batista bem disse que se estivéssemos nos Estados Unidos, por exemplo, não teríamos aquela demons-

tração simulada apresentada pelo Destacamento de Suprimento e Manutenção, em Manaus. E o que diria do "show" do Boi de Parintins arranjado, quem sabe, às pressas pelo Comandante do VII COMAR, que não mediu esforços e abriu as portas de sua casa para o grupo.

Pude ainda perceber que muito dessas imagens estavam latentes nas palavras de agradecimento dirigidas aos comandantes e equipes que nos receberam e, assim, de igual forma, deles para conosco. Ao final, fomos surpreendidos por uma especial deferência ao Sargento Jorge, depositando em sua pessoa o espelho de tudo o que foi visto e ouvido durante a viagem. Será ele, então, o perfil que tanto buscamos? Acho que a resposta está não só naquela figura que, com tão poucos recursos, agiu de maneira firme e eficaz na hora em que mais se precisou. Vimos que a mesma história se repetiu tomando outras formas em todas as "bases" que visitamos. Vejam por vocês próprios nos semblantes coloridos do povo Yauaretê; na equipe técnica dita de "baixos salários" do CINDACTA IV; na tripulação simpática e eficiente das aeronaves; e até mesmo na interrupção das merecidas férias do comandante do Campo de Provas Brigadeiro Velloso, em Cachimbo, sul do Pará.

Assim, deixo um apelo para que este tão importante curso nos dê a chance de continuar procurando uma resposta, um sinal forte de brasilidade, já no ano que vem.

SELVA!

POPULAÇÃO BRASILEIRA

Maria Therezinha de Albuquerque

Professora

No âmbito das ciências sociais, população é a totalidade dos habitantes de uma área ou indivíduos nela presentes.

O povo brasileiro é resultante da mistura do português com o índio (silvícolas e campineiros) e com o negro africano.

A mistura do branco europeu, do índio e do negro resultou na formação de um povo diferente de todos os demais conhecidos no mundo.

Assim, a etnia brasileira é única, nenhum povo a ela sequer se assemelha em termos de formação cultural e racial. Um povo que emergiu praticamente do nada. É, por assim dizer, produto da exploração humana, da ganância, da pirataria.

O povo brasileiro nasceu mestiço. Com relativa facilidade uniram-se o europeu, o índio e o negro, dando origem a tipos mestiços como mulato – descendente do branco com o negro; mameluco – descendente do branco com o índio; e cafuzo – da mistura do índio com o negro. Essa foi a unidade étnica do povo brasileiro.

Dessa miscigenação, do sincretismo, da forma de organização social e econômica surge o povo brasileiro, que, segundo Darcy Ribeiro, “é novo inclusive pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, um povo tão sacrificado”.

Na composição étnica do povo brasileiro há predominância do elemento mestiço. É cada vez mais difícil encontrar pessoas representantes de uma só raça, seja ela branca, negra e até mesmo índia.

Índio – no Brasil viviam antes da colonização pertencentes a diversas etnias. Com a chegada dos portugueses sofreram genocídio (extermínio físico) e etnocídio (destruição da própria cultura).

Eram nômades, não domesticavam animais, desconheciam a roda e a vela. Não se sujeitavam à obediência continuada. Adoravam os astros.

Deixaram ao mundo civilizado influência na alimentação, na língua e no uso do tabaco, seu principal excitante. Espalhados pelo litoral, o dialeto guarani foi promovido a língua comum – a chamada língua geral que foi muito útil aos missionários. A língua geral foi um instrumento de unificação.

Africano – os africanos chegados ao Brasil estavam em uma fase de transição do nomadismo para o sedentarismo. Eram mais adiantados que os índios. Cultivavam o milho, inhame, arroz e cana. Alimentavam-se de carne de alguns animais. Conheciam os metais e sabiam preparar o ouro e o cobre. Eram cultural e artisticamente superiores ao índio. O tráfico negreiro foi proibido em 1850.

Branco Europeu – o português que veio colonizar o Brasil deixou pátria e família em busca de uma vida mais fácil e livre. Eram culturalmente superiores aos índios. Em Portugal a vida lhes era difícil, as leis muito severas, aqui sentiram-se mais livres e, com fa-

cidade relativa, muitos se uniram ao índio e não foram poucos os que sofreram o processo de indianização, que é o retrocesso da cultura, chegando à prática da antropofagia, comum a algumas tribos.

Longe das leis rígidas da Europa, desafiavam muitas vezes as autoridades e entregavam-se aos prazeres da carne em total anarquia moral.

O Brasil nasceu cristão, o marco da posse da terra foi uma cruz esculpida em madeira da região, a primeira cerimônia religiosa celebrada em seu solo, uma Missa.

Foi difícil administrar culturas tão diferentes. Aos militares coube a tarefa de manter a ordem e à Igreja Católica, com a ação dos missionários, difundir os padrões europeus de ética aos portugueses e indígenas, e neste papel, destacaram-se os jesuítas.

À Companhia de Jesus deve-se, além da divulgação da fé, o ensino, o controle do trabalho escravo e os excessos diante do deslumbramento da preza sexual fácil.

Graças aos Jesuítas, temos o conhecimento histórico do período colonial com registro de nascimentos, óbitos e casamentos, além da catequese e influência na via dos índios.

Nenhuma ordem religiosa foi tão irredutível aos interesses dos colonos nem mais rebelde aos ditames do poder público português. Eram intransigentes na defesa da família e na defesa dos índios.

Durante dois séculos desafiaram algumas vezes as autoridades, não cedendo diante de ordens absurdas

de Portugal.

Os Jesuítas trabalharam na divulgação da fé e no ensino das artes e ofícios de 1549 até 1760, praticamente em todo o território nacional.

Outras ordens religiosas também foram importantes, como os Beneditinos e os Dominicanos.

A formação moral brasileira foi forjada pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas com liberdade para todos os credos.

O SER BRASILEIRO

Cel Av Paulo Fernandes

Diretor Social do CAer

A busca pela genérica definição da personalidade do atual homem brasileiro remete-nos à histórica formação da nação e à sua estratificação pelo vasto território nacional – desde os primórdios do descobrimento do Brasil.

Como é bastante difundido, a nação brasileira procede da miscigenação de raças, capitaneada pelas três predominantes: a ativa ou silvícola – denominada índio -, a européia – invasora e conquistadora do território – e a negra – oriunda da África, escravizada por quase quatro séculos.

Por sua vez, o gigantesco território brasileiro, dotado de amplas latitudes e enormes longitudes, acrescido de vasto litoral atlântico, historicamente está dividido em cinco grandes regiões. Cada uma dessas encerra em si características próprias que a distingue das demais, variando desde peculiaridades fiscais do terreno ao biotipo e hábitos da sua população.

À medida que, há séculos, os abundantes recursos naturais do imenso território vêm sendo explorados, a população nacional tem aumentado e, ainda que de forma aleatória e desigual, se espreado e se interiorizado por todas as regiões.

Exponentes dos distintos assentamentos da população, em diferentes épocas, até os primeiros anos

após a Segunda Grande Guerra, destacam-se: a cultura da cana-de-açúcar, na região nordeste; o desenvolvimento e interiorização da agropecuária, ao longo do vale do rio S. Francisco; a exploração das jazidas minerais, especialmente no estado de Minas Gerais; a exploração dos seringais, na região amazônica e, finalmente, a cultura do café, no vale do rio Paraíba do Sul e adjacências.

Após aquele período, novas oportunidades de trabalho surgiram no país, especialmente nas regiões sul e sudeste, graças à industrialização de ambas as regiões, e também na região centro-oeste, com o advento da transferência da capital federal para Brasília. Esses fatos ensejaram a movimentação de novos contingentes da população e o incremento e prosperidade de inúmeras cidades no interior do país.

Por conta da progressiva ocupação do vasto território, da forma citada, a nação brasileira consolidou a prática da língua portuguesa como o seu principal patrimônio cultural.

Outras características comuns a todas as regionais e algumas específicas a cada uma delas formam o conjunto de fatos e acervos que distinguem a nação brasileira das demais. Nesse contexto, podemos destacar como positivas, entre outras: a vasta riqueza musical e alimentícia; a alegria, caracterizada pela participação ativa nas festas populares; a paixão pelo futebol; a fé monoteísta, com predominância pelas religiões cristãs; a informalidade nas relações sociais e na vestimenta. – Como negativas: a indisciplina; a

impontualidade; a crescente economia informal; as desigualdades sociais; a corrupção endêmica, presente na administração pública; a violência e outras mazelas.

Enfim, do atual cenário econômico-social, decorrente de uma série de revoluções sociais – muitas anteriores à proclamação da República e de alguns conflitos político-militares posteriores -, o Brasil vem seguindo a sua trajetória, internacionalmente reconhecido no consenso das nações, como pátria soberana e democrática, mas que carece de mais rápida prosperidade por falta de idoneidade do poder político.

PENSAMENTO BRASILEIRO

Cel Av Selmar Luiz Altomar

Durante o ano de 2011, como ouvinte do Curso do Pensamento Brasileiro, assisti brilhantes palestras tratando do tema. Expositores das mais variadas origens, como poetas, literatos, políticos, policiais jornalistas, militares, diplomatas, dentre outros. Todos, ou quase todos, enfocando variadas formas de influências sobre o pensamento brasileiro.

Deles deparei que o objetivo do Curso seria que o grupo compreendesse o que seria o pensamento brasileiro. Como é a forma de compreender a vida? Como o povo brasileiro se comporta à frente dos problemas que lhe apresentam? Para cada situação, como reage?

O que nós podemos dizer que seja uma característica do povo brasileiro?

Estivemos, desde a colonização do Brasil, sob influências dos portugueses, índios, franceses, holandeses, ingleses, espanhóis e, até africanos, que pra cá foram trazidos como escravos.

Cada um trazendo seus costumes, culturas e, muitos, em busca das riquezas minerais ou vegetais.

O problema é que na verdade nós somos os descendentes de todos eles.

As coisas aconteceram em ritmos variados. Não houve saltos. Deram-se paulatinamente, como é tudo na natureza.

Porém, no meu modesto modo de pensar, somente grandes acontecimentos, grandes catástrofes, guerras de longa duração ou sistêmicas, conseguem influenciar um povo, a ponto de lhes forjar uma forma característica de pensar.

No ano de 1808, um grande acontecimento, como a vinda da Família Real para o Brasil, modificou substancialmente o modo de vida do povo que aqui vivia. A criação de órgãos públicos deu uma nova dinâmica na vida. Modificaram-se muitos hábitos e costumes por influência da Corte.

Outro fato marcante foi a Independência. Modificou o "status" daqueles que aqui viviam. Passamos a ter o domínio sobre os destinos da Nação.

Posteriormente, com a Proclamação da República, modificou-se a forma de governar o País. A relação entre o povo e o governo era outra. Não havia mais a figura do soberano vitalício. Teoricamente, qualquer cidadão poderia vir a galgar os mais elevados postos do governo.

Ainda, de forma significativa, tivemos a influência da mudança da Capital para Brasília.

A ocupação do Alto Rio Negro vinha acontecendo desde os séculos XVI e XVII de forma paulatina. A primeira intervenção significativa se deu quando a missão religiosa católica se dispôs a deslocar para lá os seus missionários. Lá chegando procuravam obter a simpatia dos habitantes locais. Construía-se uma pequena igreja, uma escola e mais algumas melhorias indispensáveis. Como o transporte era muito difícil,

como pudemos constatar, recorriam, ai já pelos anos de 1950, ao apoio da FAB. Com o passar do tempo eram criadas linhas regulares. O que dava outra característica ao apoio, pois sabiam exatamente quando teriam o avião passando em determinada localidade, sua origem e destino. Com este apoio já se notava uma modificação nos hábitos desses ribeirinhos.

Assim a vida prosseguia sem grades alterações até que as grandes obras do COMARA foram se concluindo. De uma pista de terra para uma pista de concreto com pátio de manobra e hangares. Agora, sim, podemos dizer que modificações significativas irão ocorrer. Com o apoio para a aviação moderna, até me arrisco a dizer, que em breve agências de turismo irão se interessar pela região.

Enquanto a COMARA executava suas obras veio a implantação do SIVAM, cobrindo toda a Amazônia com radares e uma extensa rede de comunicações aeronáuticas operadas e mantidas pelo CINDACTA IV.

Para não me alongar, gostaria de ressaltar o impacto que poderia ter havido se não houvessem modificado a política nacional com a interrupção do Projeto Calha Norte.

Portanto, somente grandes obras ou acontecimentos são capazes de atuar na forma de pensar de qualquer povo. Assim sendo, devemos nos focar nesses fatos para embasar o estudo em busca da definição, se assim podemos dizer, do Pensamento Brasileiro.

UM BRASIL DESCONHECIDO

Carlos Nejar

Escritor da Academia Brasileira de Letras e da Academia
Brasileira de Filosofia

Conheci, à convite do Clube da Aeronáutica, na companhia de inúmeros pesquisadores do grupo do “pensamento brasileiro”, o que, como a maioria dos cidadãos, eu ignorava. O trabalho anônimo, perseverante e heróico das Forças Armadas, na defesa das fronteiras geográficas e do espaço aéreo. E mais, os centros de controle do gerenciamento do tráfego dos aviões. E foi para todos uma experiência nova, de um Brasil diferente, escondido, desafiador. Solitário e injustiçado, onde o esforço de nossos militares, mal chega ao conhecimento do povo, na política demagógica de alguns que tentam solapá-los. E isso começou, entre nós, na lúcida análise de Vera Lúcia Borges, em seu livro “A batalha eleitoral de 1910”, a partir da luta civilista de Rui Barbosa (que perdeu a eleição à presidência), contra o Mal. Hermes da Fonseca. Na época, assim escreveu o escritor Carlos de Laet, contra o que chamou de “candidato pseudo civilista:” Francamente porém, mais espero do soldado honesto e sincero que da velha raposa, ultra-preparada para os assaltos ao galinheiro político, e que no dizer do seu próprio panegirista, Sr. Medeiros de Albuquerque, costuma ter por

ano trezentas e sessenta e cinco opiniões, todas retoricamente fundamentadas(...)”. Sem entrar no barco das paixões eleitorais, sim, foi com a visão de soldados honestos, íntegros e sinceros, dedicados ao dever, na obediência à hierarquia, longe do raposismo político que permeia abominável corrupção, que reativei em mim, o sentimento de pátria, tão relegado, como coisa ancestral, quando é o princípio de nacionalidade .

Foram três dias de viagem dessa Comitiva cultural pelas cidades de Brasília, Sinop, Porto Velho, em Roraima, São Gabriel da Cachoeira no Amapá, visita a Yauaretê, a Manaus no Amazonas Cachimbo no Pará e Brasília, no Distrito Federal. O roteiro foi organizado sabiamente pelo Brigadeiro Burnier, atual Comandante Geral da Aeronáutica e a comitiva foi dirigida pelo Brigadeiro Baptista e o Cel Araken, do Clube da Aeronáutica.

O momento mais emotivo: o da formatura, em Yauaretê dos índios que compõem o batalhão especial de fronteira, defensor da floresta. Não só com a bela “Oração à Selva”, como pela apresentação magnífica , o desfile em que marcharam, camuflados para a guerra, como se dançassem , num espetáculo harmonioso que levarei na memória .

Impressionou-me a solidão vivida por esses que vigiam o nosso território contra tantos inimigos, preservando o meio ambiente e guardando perpetuamente as divisas desta República, em lugares tão distantes, inhóspitos, longe das cidades, em que a construção de prédios ou de aeroportos se tornam penosos, pelo di-

fácil deslocamento do material, muitas vezes pelo rio Negro ou o rio Amazonas, com cachoeiras e constante variação climática.

Outro aspecto foi a visita ao centro dos controladores de voo, além do cortejo dos vários tipos de aviões e helicópteros, ou a demonstração de exercícios utilizados na selva, com descida ou subida em cordas. Percebemos, contrariamente a algumas afirmações isoladas da imprensa, que não há mais pontos cegos no céu de nossa pátria, onde a rota das naves não é só delimitada por convencionais auxílios de solo, mas orientada por satélites, num sistema global de navegação, com radares espalhados pelo país, havendo, inclusive o centro de busca e salvamento, em casos de pessoas em perigo real ou iminente. E esse serviço é realizado por maioria militar, altamente treinada tecnicamente. E alguns civis.

Ao ver esse Brasil ignorado e o quotidiano empenho das forças armadas, tantas vezes sem razão vilipendiadas, protegendo com denodo, os limites desta Nação, que é Continente, ou resguardando dos interesses estrangeiros, a nossa Amazônia, lembro-me das palavras de Churchill, o estadista inglês: "Nunca tantos deveram tanto, a tão poucos".

A MUSICOLOGIA NO BRASIL

Ernani Marones
Professor

A musicologia é o estudo científico ou a ciência da música, do ponto de vista histórico e antropológico. É considerada a atividade do musicólogo enquanto ofício do pesquisador em música, diferenciando-se das outras duas grandes áreas da música: a invenção (ofício do compositor) e a interpretação/performance (ofício do instrumentista, cantor ou regente).

Possivelmente o primeiro homem a desenvolver atividades que hoje podemos entender como musicológicas tenha sido Aristóximo de Tarento (século IV a. C.). Segundo o pensador, em seus Elementos da Harmonia, a música é ao mesmo tempo arte e ciência.

Adaptando para uma versão mais atualizada, a música enquanto invenção e performance é uma atividade plenamente artística, porém a pesquisa em música está inserida na área científica com o nome de musicologia, ocupando-se em estudar as amplas perspectivas históricas, antropológicas, estéticas e poéticas da música, abordando implicações sociais e ideológicas e gerando complexos desdobramentos da atividade musical em seus domínios técnico-operativos e filosóficos.

Com o surgimento de novas ciências a partir do século XIX e com o desenvolvimento dos aparelhos

de gravação e outros recursos tecnológicos, a compreensão do fenômeno musical foi modificada inteiramente, passando a ter um campo de estudo mais abrangente envolvendo forma e notação, instrumentos e teoria musical, biografias e métodos, estética e acústica e até fisiologia aplicada à técnica de instrumentos ao lidar com voz, ouvido e mão.

Tal heterogeneidade exige uma metodologia mixta. O aspecto fisiológico e acústico pode ser identificado na medicina e na física, enquanto as regras que governam as relações entre os sons musicais não são leis naturais, mas normas inseridas em contextos culturais específicos e variáveis.

O austríaco Guido Adler é considerado o fundador da musicologia moderna, sendo o primeiro professor catedrático da disciplina na Universidade de Viena.

Em meados do século XX, a musicologia integrou-se ao currículo universitário e a crescente especialização resultou na criação de jornais e sociedades profissionais.

Seu estudo nas Universidades é separado em linhas de pesquisa e que basicamente são:

- 1) Documentação e História da Música - estudos sincrônicos e diacrônicos de músicas e culturas musicais, sendo abordados aspectos teóricos e conceituais de processos interativos históricos, metodológicos e da análise e teoria musicais. Como consciência de que obras musicais mudam através da criação e recepção de performances, pois não são fenômenos estáveis, paralisantes ou fixados no

tempo, a apreciação deve ser sistemática e constante de acordo com determinado tempo, como nos estudos inerentes à biblioteconomia e arquivologia.

2) Etnografia das Práticas Musicais (Etnomusicologia) - pesquisa etnográfica e reflexão sobre as múltiplas interações entre o fazer musical e suas condições de produção, transmissão e recepção. Também conhecida como antropologia da música ou mais propriamente etnografia da música, é a ciência que objetiva o estudo da música em seu contexto cultural ou o estudo da música como cultura.

Na década de 50, músicos e antropólogos fundaram a primeira sociedade de etnomusicologia. Atualmente essa ciência dedica-se ao estudo das culturas musicais de tradição oral, sendo responsável por uma considerável ampliação do conceito de sistema musical. Toda música, por mais estranha, pobre ou primitiva que pareça, é um sistema: o fenômeno musical é sempre organizado.

3) Sonologia (o estudo do som) - explora aspectos estéticos e técnicos do som e os processos multimidiáticos, com aplicações de novas tecnologias em um campo híbrido de pesquisas em que o som é o elemento catalisador.

Entre as áreas relacionadas estão as práticas eletroacústicas, as aplicações de novas tecnologias à produção e análise musical, a acústica e a psicoacústica, as musicologias interessadas em explorar aspectos estéticos e técnicos do som no contexto musical e os processos de criação multimidiáticos.

O Instituto Brasileiro de Estudos Musicológicos é a instituição mais antiga no Brasil neste campo, fundado em São Paulo em 1968. Esse centro teve como objetivo desenvolver pesquisas em todas as áreas da musicologia no Brasil e lançar as bases para uma nova concepção baseada em estudos culturais e nas ciências da comunicação e mídia, com especial consideração das tendências atuais da antropologia cultural e da reflexão estética.

Sob esse aspecto, representou uma iniciativa pioneira na história recente da musicologia, ao desenvolver intensas atividades no Brasil e no exterior

Com a finalidade de promover a renovação dos estudos musicológicos, exerceu trabalhos em conjunto com várias instituições.